O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DA COMMISSÃO ARCHEOLOGICA

DA

INDIA PORTUGUEZA

Não me mandas contar estranha historia
Mas mandas me louvar dos meus a gloria
[illegible]

Volume I
N.º 7

1904
Julho

NOVA GOA
IMPRENSA NACIONAL
1904

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Alberto Osorio de Castro.
Capitão José Augusto Alves Roçadas.
J. A. Ismael Gracias.

SUMMARIO

Do 8.º numero

I — FORTALEZA DE GANANOR (continuação), pelo capitão *Rocadas.*

II — A INDIA EM 1623-1624 (continuação), por *J. A. Ismael Gracias.*

III — MOINHO DE AZEITE NA CIDADE VELHA DE GOA, por *J. M. do Carmo Nazareth.*

IV — CASA DE CATECHUMENOS EM GOA, por *Viriato A. C. B. de Albuquerque.*

V — INSCRIPÇÕES E EPITAPHIOS NAS IGREJAS DE BOMBAIM, por *J. B. Amancio Gracias.*

VI — GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA (continuação), por *J. M. do Carmo Nazareth.*

FORTALEZA DE CANANOR

(Continuado do n.º antecedente)

2.º Periodo

De parte alguma havia esperança de se receber riveres, nem mesmo dos naturaes da terra que, dedicados aos portuguezes, occultamente forneceram alguns generos até o dia em que a vigilancia rigorosa dos mouros nos privou d'esse beneficio.

Estava-se pois na ultima extremidade. Só um accidente d'estes que a natureza proporciona ou as operações de pequena guerra originam, nos podia salvar.

Foi o que succedeu.

Um artilheiro, Pedro Ayres, offereceu-se ao commandante para ir incendiar a armada dos mouros que se achava rarada na praia junto á cidade.

As naus, por causa das chuvas estavam cobertas com reparos de olas que as tapavam até meio costado.

Uma noute escura, abalou o bombardeiro, mas infeliz no seu emprehendimento. foi descoberto, decapitado e a sua cabeça espetada n'um pau ao meio da praia.

O capitão ancioso de tirar vingança d'esta partida dos mouros, prometteu 100 cruzados a quem se aventurasse a ir queimar as naus. Appareceu um natiro, christão casado, que viria dentro da praça, o qual levou a cabo a arriscada empreza pela forma seguinte que descreremos

com as proprias palavras do chronista: — «O qual se foi a nado, levando um pano atado com polvora e dentro em um canudo de cana um morrão aceso, e foi sahir muito abaixo das naus, que não havia lá gente. Então poz em cima da cabeça o panno atado, o o canudo com o morrão, atado de redor de si e se foi pela praia cantando em sua lingua como que vinha para sua casa, o que bem viam os mouros e ouviam e entendiam o que ia cantando, e não tomaram d'elle suspeita, e como foi no cabo das naus, que todas estavam pegadas umas com outras o sendo assim no cabo se poz a falar com uma velha, que estava em uma casinha de olas debaixo das naus e lhe pediu licença para dormir á sua porta, e a velha disse que dormisse, o cerrou sua porta e se deitou a dormir.

O christão se deitou e começou a cantar cantigas de historias, que assim o costumam, o que os mouros folgavam de ouvir, e no entanto chegou o pano da polvora á casinha da velha, e o morrão dentro do canudo, e o rabo no pano da polvora, coberto o fogo; e se deixou assim estar cantando até que viu que o fogo era perto, e se alevantou e foi á praia e se poz como que estava fazendo seus feitos, e se metteu na agua como que queria lavar e se deixou estar até que o fogo deu na polvora, que fez grande fogo que se accendeu na casa, donde saltou na coberta das naus que chegava até abaixo; a que acudiu muita gente; mas o vento ajudou, com que em breve espaço as naus todas ardiam, em que os mouros houveram mui grande perda, que das naus se pegou o fogo ás casas dos mouros em que ardeu meia cidade, com que os mouros ficaram em muita confusão com medo d'el-rei, com que os mouros se foram poucos e poucos, com que logo os nossos foram repairados do comer, que os da terra lhe traziam a vender».

Assim ficaram sanadas parte das difficuldades com que se luctava.

Mas, para cumulo de sorte, em dia de Nossa Senhora

de agosto, enorme cardume de lagostas foram arremessadas pelo mar ás praias o ponta de Cananor, dando do comer para uns dez a quinze dias, recuperando uns as forças e ontros a saude.

Os mouros sobretudo os do Calicut, embora esmorecidos com os repetidos insuccessos, não deixaram de aconselhar um ultimo esforço congregando todos os elementos de terrra e mar em um ataque simultaneo á tranqueira e á ponta onde estava a feitoria.

O Samorim havia mandado mais uns vinte mil homens de reforço, elevando-se assim todo o exercito, descontadas as perdas soffridas, a 50.000 homens. Submettido o assumpto á discussão em conselho, o rei de Cananor, prevendo um novo insuccesso ás suas armas, mostron-se indeciso assim como muitos dos seus capitães. Mas as rasões adduzidas pelos mouros o o projecto apresentado de um engenho de guerra destinado a facilitar muito o ataque por mar, vencendo os receios do rajah, demoveram-lhe a opinião, optando-se emfim pela continuação da guerra.

O plano de ataque consistiu no seguinte:

O oxercito seria dividido em duas columnas; uma na força de 40 mil homens teria como objectivo o ataque por terra á praça, e outra de 8 mil homens approximadamente embarcada em jangadas, seguiria por mar em direcção á ponta de terra.

Os movimentos seriam combinados de modo a effectuar-se mais cedo o ataque por terra afim de chamar a attenção dos defensores para este lado, sendo condição essencial que o ataque maritimo fosse conduzido por forma a tomar o caracter de surpreza.

As duas colmnnas compostas de adargueiros, lanceiros e frecheiros, receberiam cada uma pequenas mangas de espingardeiros, arma recentemente admittida no exercito, e bastanto artilheria da fabricada sob a direcção de alguns bombardoiros italianos ao serviço do Samorim.

A columna destinada ao ataque por mar seria dotada com maior numero de boccas de fogo e das melhores, e além d'isso com dois engenhos de guerra, torres de madeira improvisadas em cima de jangadas, guarnecidas com artilheria, espingardeiros e frecheiros.

Execução do ataque

Em pouco tempo estava tudo prestes.

As forças de terra só esperavam a ordem de marcha; as do mar aguardavam o embarque na esquadrilha que se estava preparando com *tonas*, *almadias grandes* e *paraus pequenos*, ao todo para cima de 200 embarcações, armadas muitas em jangadas, convenientemente protegidas por meio de anteparos e resguardos (blindagens) de cairo assás espessos para resistirem aos projecteis.

As torres acabavam tambem de ser construidas, tendo cada uma para base dois paraus ligados popa com proa por meio de duas vigas grossas do comprimento dos mesmos paraus, de modo a ficar uma torre quadrada.

Verticalmente levantavam-se as paredes constituidas por vigas a prumo, de 3^{m} de altura, solidamente pregadas no pavimento inferior. N'estas paredes ou faces da torre, havia tres ordens de orificios por onde se crusavam varões de ferro que davam assim solidez ao systema.

Nos pavimentos inferior, medio e superior, postava-se a respectiva guarnição, que attingia a perto de 150 homens, espingardeiros, frecheiros e bombardeiros encarregados do serviço da artilheria.

Lourenço de Brito avisado com antecedencia dos projectos do inimigo, passou revista aos sectores de defeza, e como a força do ataque seria pelo lado do mar, mandou reforçar as guarnições da ponta e augmentar a sua artilheria, escolhendo de preferencia as boccas de fogo de maior alcance e penetração como eram as *esperas*, *serpes* e *camellos*.

Em um dos dias da ultima quinzena de agosto deu o rei de Cananor a *ordem de combate.*

Pouco antes do alvorecer do dia seguinte, ouviram-se os toques dos instrumentos bellicos das tropas inimigas em movimento e o troar da artilheria que bombardeava a praça; logo depois, era já dia claro, definia-se perfeitamente a sua marcha.

A columna de terra occupava já a trincheira avançada, a despeito do fogo mortifero da nossa artilheria. Do lado da bahia, largara tambem numerosa esquadrilha de jangadas, escoltada pelas duas soberbas torres, fig. 6.

Tinha falhado, parece, a condição melhor do plano — os movimentos das duas columnas deviam ter-se effectuado de noute ainda e a horas taes que o ataque maritimo surprehendesse a defeza a braços com as forças da terra. Não succedeu assim.

No meio da manhã, o fogo d'artilheria de um e outro lado, era tal que, como dizem os chronistas, *parecia que o ceu se abria e o mar e a terra se fundiam, e tudo era coberto de fumo e de fogo.*

O ataque do lado da terra ficou paralisado por algum tempo devido aos effeitos do nosso fogo.

A columna dos guerreiros de Calicut, chegando á trincheira avançada recebiam em cheio os nossos pelouros, e a passagem atravez do fosso, e em seguida a manobra da reconstituição da ordem de batalha, na zona perigosa do fogo d'artilheria, que a experiencia de quasi seis mezes, lhes tinha demonstrado ser bem dirigido, apavorava esses guerreiros, agarrando-os o instincto de conservação ao abrigo que se lhes deparava.

Do lado do mar o ataque proseguia, não obstante as perdas sensiveis soffridas pelo adversario.

Chegando ao alcance das baterias, 300^{m} em media da ponta da feitoria, a esquadrilha que na phrase do chronista — *cobria o mar* — começou a disparar a sua artilheria que não sendo tão boa nem tão bem manejada

como a nossa, pouco damno nos causava, ao passo que as jangadas eram umas desfeitas outras mettidas no fundo pelos pelouros. Apesar de tudo, a frota approximou-se da ponta de terra e preparava o desembarque por meio de um tiroteio nutrido de pelouros, balas, frechas, dardos, etc.

Do lado dos portuguezes succedia o mesmo.

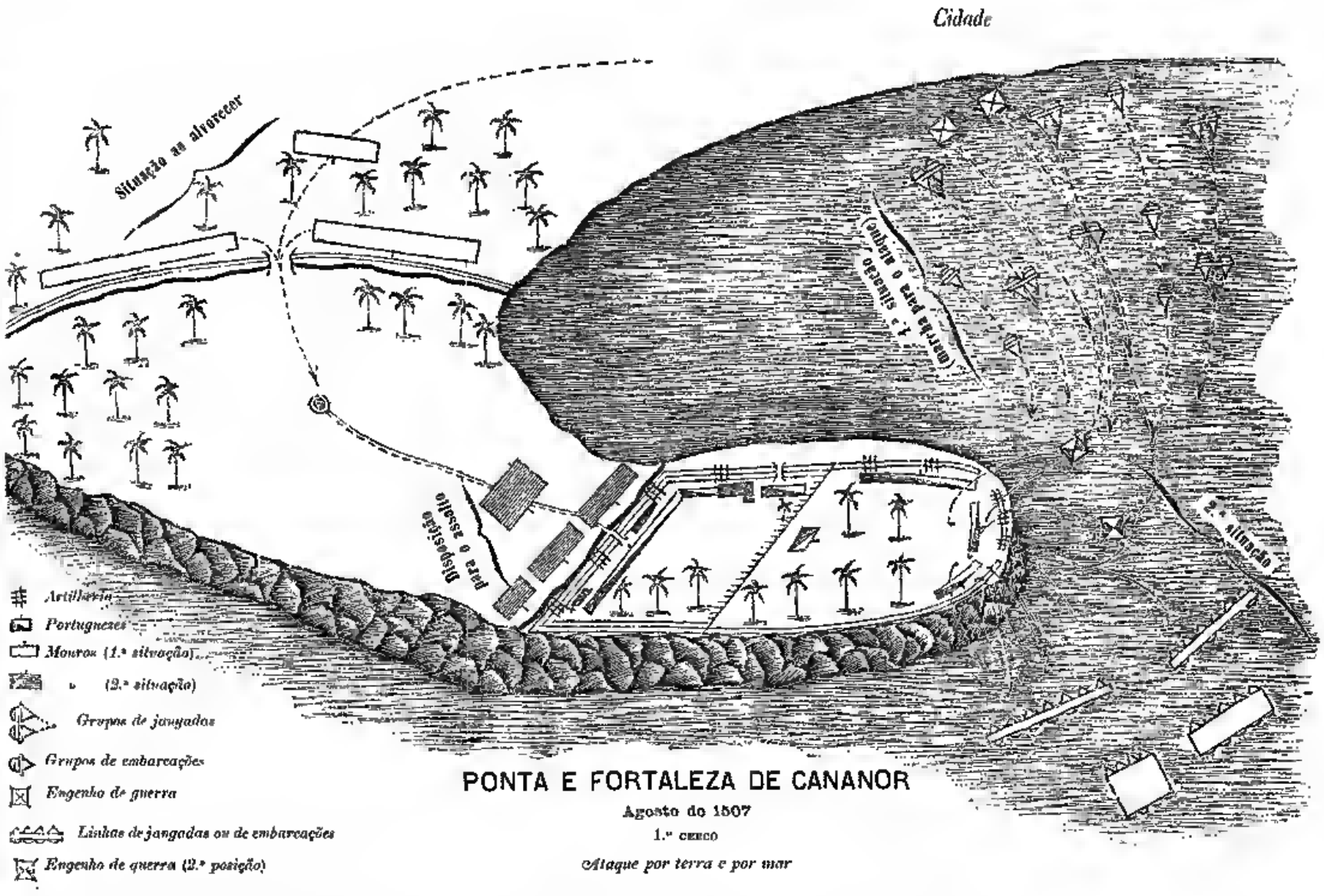
Durou a lucta bastante tempo até que as jangadas manobrando para atracarem á praia e desembarcarem os assaltantes, não conseguiram o seu intento devido ao fogo certeiro dos nossos artilheiros que lhes causou um destroço enormo, sobretudo com uma *espera* a cujos projocteis nada resistia.

Descoroçoadas de effectuarem o desembarque, as jangadas afastaram-se para norte da ponta, dando passagem ás duas torres improvisadas. O fogo d'estas era de mais effeito por dominar o nosso e ser mais bem dirigido. Houve um momento critico para os defensores da ponta na occasião em que as jangadas aproveitando-se do concurso das torres, renovaram a tentativa do assalto, e se não fosse a habilidado do bombardeiro, que apontava a serpe, o qual conseguiu desfazer as torres, com o que o inimigo de todo esmoreceu, duvidoso seria o resultado da jornada.

Em terra, o atacante sentindo afrouxar um pouco o vigor da defeza na tranqueira, visto os nossos esforços terem-se concentrado na ponta, largára a sua trincheira e avançando em linha de batalhas (columnas) contiguas, fig. 6, chegou proximo do fosso, cuja passagem ainda era disputada com toda a porfia, na occasião em que repelliamos o ataque do lado do mar.

Lourenço de Brito desafogado d'este lado, correu em auxilio dos defensores da tranqueira, que animados com a sua presença e soccorros que lhes trazia, duplicaram de esforços obrigando o adversario á retirada, a qual se tornou difinitiva quando viram a columna do mar toda desordenada em demanda de abrigo na bahia.

Fig. 6



PONTA E FORTALEZA DE CANANOR

Agosto de 1507

1.º cerco

Ataque por terra e por mar

N. B. — A disposição das tropas não é rigorosa; serve apenas para dar a perceber a sua distribuição, posições provaveis em dados momentos e a direcção approximada da marcha, tudo deduzido da narrativa das chronicas. No ataque por mar, a esquadrilha inimiga é representada, não pelo numero total de embarcações, mas por signaes convencionaes indicando grupos de determinados effectivos.

O capitão não perseguiu o inimigo senão com os fogos d'artilheria, por causa do cançasso da guarnição que quasi sem alimento combateu desde a madrugada até á tarde.

Assim terminou este combate, um dos mais renhidos de toda a campanha, e em que as esperanças dos mouros cairam completamente por terra, ganhando maior fama o valor dos portuguezes.

Lourenço de Brito, senhor agora da situação, e querendo aggravar a humilhação do inimigo, mandou bombardear com as peças de maior calibre a cidade em uma sexta feira e na occasião em que a mesquita estava cheia de mouros. Os pelouros de um *falcão* derribandolhe uma parede mataram grande numero d'elles.

O bombardeamento continuou durante o dia, fazendo grandes destroços nas casas. Os clamores do povo eram grandes e pediam á porfia que se obtivesse a paz.

O rei de Cananor tambem já se inclinava para este partido independentemente da opinião dos mouros, e sabendo que o vice-rei estava para chegar, impedindo-o d'isso apenas o mau tempo que ainda fazia na costa, e que pelas alturas do promontorio Delly pairavam naus de Portugal, entrou em negociações com o capitão da praça por intermedio de um mouro, nosso afeiçoado.

Entretanto, no dia 26 de agosto estando os capitães a almoçar repicaram os sinos da egreja.

Eram as naus de Tristão da Cunha que chegavam.

O capitão mandou-lhe logo um official em uma almadia a cumprimental-o e a dar-lhe conhecimento da guerra em que estavamos. Tristão da Cunha prometteu desembarcar com toda a sua gente e juntos com a guarnição da praça irom atacar o inimigo em sua propria casa.

Effectivamente apenas a frota lançou ferro, desembarcou Tristão da Cunha com a maior parte da sua gente, ao som das salvas e dos instrumentos bellicos, indo alojar-se todos no barracão da tranqueira, visto terem

ardido, como dissemos as casas de olas que havia.

Formadas as tropas em dois corpos, sob o commando de Tristão da Cunha e de Lourenço de Brito, marcharam para as estancias dos mouros que destruiram por completo, sem encontrarem a menor resistencia.

No dia seguinte, na mesma disposição, avançaram contra a cidade no intuito de a arrasarem. A meio caminho porém, appareceu um enviado do rei com bandeira branca, pedindo para parlamentar.

Fazendo alto as columnas, foi recebido o mensageiro, que da parte do rajah, perguntou: — «Se el-rei de Portugal mandava que lhe destruissem a sua terra e lhe fizessem guerra; e se assim o mandava, que lh'o dissessem».

Os dois capitães ficaram um momento sem saber o que responder; conferenciando porém entre si, disse Lourenço de Brito, que el-rei de Portugal não mandava fazer a guerra a elle rei de Cananor, mas sim aos mouros, que por consentimento d'elle nos haviam hostilisado durante todo o inverno e dentro do seu proprio reino. O rei de Cananor a quem fôra transmittida a resposta, mandon dizer: — «Que pois lhe hiam fazer mal em sua cidade, sem lh'o mandar o rei de Portugal seu irmão, e muito menos o vice-rei, que isto lhe bastava; fizessem agora o que quizessem, porque elle se defenderia como de inimigos. Quanto aos mouros que com elles haviam pelejado, deveriam primeiro ter-se entendido com elle rei de Cananor, que, se até á data não tratára de os entregar ou punir, era porque esperava pela chegada do vice-rei, pois da sua parte ignorara o que havia succedido, por estar doente e retirado no interior dos seus estados».

Os capitães em vista d'estas palavras, e protestos, embora falsos, dissimularam fingindo acreditar, e retiraram para a praça, concertando-se uma tregua até á chegada do vice-rei.

Assim terminaram as operações militares em volta da incipiente fortaleza de Cananor, revelando-se a superiori-

dade da nossa tactica, organisação, armamento e especialmente da nossa artilheria a cujos effeitos se deveu, como teremos occasião de ver, muitos dos nossos triumphos n'esta parte do mundo.

Havia treze dias que Tristão da Cunha esperava em Cananor, quando foi avistada ao largo a armada do vice-rei, vindo de Cochim, a qual fundeou longe da ponta do mar por falta de vento, entrando só de tarde com a viração, e desembarcando D. Francisco com os seus capitães.

Numerosos bateis embandeirados começaram a singrar pela bahia conduzindo por entre o fumo das salvas de bordo e da praça, os officiaes portuguezes que iam cumprimentar a primeira auctoridade. Uma e outra almadia se perdia no meio dos nossos bateis; eram as do representante do rajah e outras pessoas importantes na terra pola sua posição e interesses commerciaes que iam render homenagem ao vice-rei e offerecer-lhe todo o seu prestimo.

Recebidos por D. Francisco d'Almeida com aquelle mixto de gravidade, imponencia e hom humor que o caracterizava, tratavam uns dos seus interesses proprios, outros da forma como tinham desempenhado as commissões de serviço de que foram encarregados, outros como Tristão da Cunha, narravam coizas de Portugal e relatavam a sua viagem; finalmente o enviado do rei de Cananor, esforçava-se por demonstrar a innocencia d'este na guerra com os mouros, as medidas tomadas para os prender e punir, medidas infifizmente improductivas, por causa da fuga dos mais culpados para a côrte do Samorim; terminando por afiançar a sua amisade e lealdade á corôa portugueza e offerecer os seus serviços em tudo o que necessitasse.

O vice-rei, que em Cochim tivera conhecimento do

procedimento caviloso do rajah, não manifestou movimento algum de satisfação ou despeito, despedindo o ministro com todo o ceremonial e acceitando os offerecimentos por não haver viveres á venda.

Tendo assentado em seu espirito, já ha muito, tirar o melhor proveito da guerra que os de Cananor nos haviam movido, e da qual sahiramos vencedores, resolveu concluir a fortaleza á força, se não podesse conseguil-o por mutuo accordo. Esperava apenas o ensejo, que lhe proporcionou o proprio rajah por occasião de mandar renovar os seus protestos de lealdade e de pretender mais uma vez provar a sua irresponsabilidade na guerra recente, a qual fôra feita sem elle o saber e por iniciativa exclusiva dos mouros. D. Francisco respondeu que acolhia de muito bom agrado os seus protestos, acreditando na sua innocencia, apesar de que para mouros de Calicut irem fazer guerra em paiz extranho, natural parecia que só o podessem fazer com consentimento ou pelo menos conhecimento do senhor da terra; todavia pelas rasões que dava, não tinha duvida em crer que os mouros fossem os causadores unicos dos males feitos aos portuguezes, apesar d'elles mouros lhe terem afirmado exactamente o contrario.

Porisso, para evitar de futuro taes abusos da parte dos mouros, e novos trabalhos para os portuguezes, tencionava acabar de construir a fortaleza para o que lhe rogava como bom irmão que era do rei de Portugal, lhe mandasse dar pedra, cal, madeiras, artifices e trabalhadores e nomeasse pessoa de auctoridade com quem se entendesse nas requisições a fazer.

Ao ter conhecimento d'esta resposta do vice-rei e do pedido que bem sabia ser uma intimação, o rajah ficou muito irritado com os mouros por ver que elles, para se salvarem, tinham attribuido as culpas da guerra só a elle, e em conselho que mandou reunir, mostrou o seu resentimento, negando porém os mouros que tal tivessem feito.

Apresentado á discussão o assumpto fortaleza, os mouros aconselharam que se fizesse a vontade ao vice-rei a quem convinha serenar no momento, pois sendo chegado o verão, vivendo todos em paz, poder-se-hiam effectuar as transacções commerciaes com Cambaia e auferirem assim os costumados lucros annuaes. Logo que fosse inverno, se renovaria a guerra com melhores elementos, derrubando-se os muros construidos, pois haviam de peitar os fornecedores e pedreiros para que as obras se fizessem com muita morosidade e pouca solidez, e então elles edificariam uma fortaleza á sua propria custa, com a qual defenderiam o porto e não deixariam entrar senão quem quizessem. Com o que os portuguezes, necessitados de gengibre que só alli encontravam pelo facto de estarem em guerra permanente com Calicut, haviam de sujeitar-se ás condições que lhe fossem impostas e deixarem o mar livre a elles mouros, revertendo assim grandes lucros para Cananor.

O rei que, na opinião do chronistas — «era bestial no entendimento, inclinado ao seu proveito e não tomava outro conselho senão dos mouros» — concordou logo em tudo, muito satisfeito, enviando ao vice-rei o *guazil*, com instrucções para lhe obedecer no que elle mandasse sobre a construcção da fortaleza.

D. Francisco requisitou-lhe immediatamente os materiaes e pessoal que julgou necessarios, fazendo-lhe ver que qualquer falta que houvesse, a responsabilidade era d'elle *guazil* pois sendo o *justiça mór* do reino, ninguem deixaria de cumprir as suas ordens, e n'estas circumstancias consideral-o-hia connivente com os mouros rebeldes.

Reunidos os materiaes e pessoal requisitados, procedeu-se á regularisação do fosso que ficou com 4 braças de largura e o fundo ao nivel do mar; a trauqueira foi substituida por um espesso muro de pedra em quasi toda a volta da praça, no qual a determinada altura, foram

abertas canhoneiras para montagem das boccas de fogo.

Entretanto necessitava o vice-rei de ir a Angediva demulir a fortificação que alli tinhamos, e trazer os materiaes aproveitaveis para serem otilisados na de Cananor.

Deixando a direcção dos trabalhos confiada ao capitão Lourenço de Brito, a quem ordenou que reunisso muita pedra e cal, e recommendando a Tristão da Cunha que seguisse para Cochim passados uns dias, salvo se houvesse qualquer perturbação da ordem, pois n'este caso devia conservar-se em Cananor até elle voltar, largou para Angediva, mas ao chegar aos ilheus de St.ª Maria, teve de regressar, porque uma almadia enviada a toda a pressa lhe levou a noticia de que os mouros procuravam crear difficuldades ao andamento dos trabalhos, chegando a postar naires nos caminhos por onde tinham de passar os operarios indigenas, os quaes sendo de casta inferior ficavam por este motivo sujeitos ou a não virem ao trabalho, ou vindo a serem assassinados, espalhando-se o terror a tal ponto, que em breve tempo poucos ou nenhuns compareciam na fortaleza.

Chegando a Cananor, o vice-rei queria por força arrazar a cidade, sendo demovido d'essa resolução pelos conselhos de Tristão da Cunha e Lourenço de Brito e outros capitães, que lhe fizeram ver a obrigação em que estavam de atender aos desejos de D. Manoel que muito se interessava pela amisade da côrte de Cananôr, visto ser esta cidade o unico ponto onde podiamos abastecernos de gengibre, não convindo porisso tomarmos a iniciativa das hostilidades, mas antes combater os mouros com as mesmas armas de que elles se serviam, desmascarando-lhes o jogo traiçoeiro de que usavam para com nosco.

Mandou então o vice-rei chamar o *guazil* e disse-lhe que fosse á cidade, reunisse todos os mouros e lhes lembrasse que se continuasse a faltar pedra, cal, artifices

e operarios, que os faria trabalhar na fortaleza com *bragas ás pernas*; que d'esta sua resolução informasse tambem el-rei e acrescentasse que via perfeitamente andarem passeiando pela cidade muitos dos mouros que tinham morto alguns dos portuguezes, que a todos havia de mandar trabalhar na fortaleza, se porventura não fossem satisfeitas promptamente as requisições; e ainda embargaria todo o movimento maritimo ás naus dos mouros, de maneira a perderem o commercio de Cambaia.

O rei de Cananor comprehendendo a exaltação do vice-rei e convencido de que elle fazia sempre o que dizia, ordenou ao *guazil* que se houvesse por forma que não desse motivo a queixas da parte dos portuguezes sob pena de lhe mandar cortar a cabeça.

D'ahi para o futuro, nada mais faltou na obra, a qual proseguiu com grande rapidez.

Estando o muro em meia altura já com as canhoneiras bem definidas, D. Francisco foi a Angediva, donde trouxe toda a cantaria lavrada, do que destinou grande parte para as portas e janellas da fortaleza que se ia começar.

Chegado a Cananor, encontrou já a muralha em toda a sua altura e com as respectivas ameias; deu o traçado para a fortaleza propriamente dita a qual situada da parte de dentro d'esta muralha, era quadrada, com ameias e cubellos ou torreões redondos aos cantos, sobradados á altura da muralha, e entre os cubellos havia guaritas de vigia.

Na face que olhava para a bahia construiu-se a torre de menagem com dois andares e competentes canhoneiras onde foram collocadas boccas de fogo do menor calibro como eram os *berços*.. N'esta torre aposentava-se o capitão da praça e outros officiaes e no recinto ao longo dos

muros estavam os quarteis para uma guarnição permanente de 80 homens.

No pano de muralha da frente, para os lados do mar, fez-se uma outra torre, tambem com dois pavimentos, em cada um dos quaes se construiu uma bateria de 2 peças que enfiavam o fosso, e entre as ameias assentaram-se berços que faziam fogo a barbete.

A porta da fortaleza era na face norte, fazendo-se a communicação com a campanha por meio de um corredor que conduzia a um postigo aberto na muralha.

N'esta existia ainda uma outra porta na extremidade para os lados da bahia, que dava serventia para o terreiro interior adjacente ao forte e para o campo exterior por meio da ponte levadiça.

Uma terceira porta no panno de muralha voltado para a bahia, era destinada ao serviço de mercadorias e passageiros; na soa frente ficava uma ponte caes que entrava pelo mar umas seis braças ou treze metros.

Aos dois lados d'esta porta, pela parte do dentro, edificaram-se armazens de pedra e cal, cobertos de telha, e na ponta do mar onde ficava a antiga feitoria construiram-se casas pequenas para habitação do pessoal empregado na mesma feitoria.

Nas canhoneiras da muralha, nas torres de vigia e de menagem, o na ponta do mar foi collocada numerosa artilheria da que veio de Angediva e da que existia já em Cananor.

Transformou-se a igreja primitiva que ficou situada entre a muralha o a fortaleza, communicando com esta por um postigo; constroiu-se uma outra igreja da invocação de Nossa Senhora da Victoria em commemoração da victoria alcançada por D. Lourenço, filho do vice-rei, sobre a armada de Calicut.

Junto d'esta igreja construiu-se um hospital e enfermaria. Montou-se uma fabrica de polvora; finalmente foi dado á fortaleza o nome de *St.º Angelo* por ser a sua

situação semelhante á do castello do mesmo nome em Roma.

Tal era o traçado da nossa antiga fortaleza de Cananor, traçado do que se podo fazer ideia aproximada pela fig. 7 que representa uma gravura antiga, a qual, entre as que tivemos á mão, é das quo melhor se harmonisam com as descripções dos chronistas.

Este primitivo traçado soffreu posteriormente durante o nosso dominio, sensiveis transformações e grande desenvolvimento, devido não só á importancia militar do local, como ás suas condições de salubridade, que fizeram com que esta feitoria fosse escolhida para *estação-sanatorio* dos portuguezes na India, resultando d'este facto o augmentar bastante a sua população a ponto de, poucos annos depois da conquista, ella não caber dentro da praça e ter de se estender por todo o palmar exterior até proximo da cidade indigena, como vamos ter occasião de mostrar ao leitor.

Nova Goa, 4 de agosto de 1904.

José Augusto Roçadas
Capitão do S. d Estado-Maior

(*Continúa*)

A INDIA EM 1623-1624

Excerptos das Memorias do viajante italiano Pietro Della Valle

(Continuação do n.º antecedente)

Quinta carta

Escripta de Ikkeri a 22 de novembro de 1623.

Ikkeri foi a cidade capital de Venctapa Naique, situada a sudéste de Onor; actualmente não tem importancia alguma, e nos modernos mappas é conhecida pelo nome de Eckairee.

Esta carta é das mais interessantes, e, por isso, vamos dar excerptos desenvolvidos. Descreve-se n'ella, com todos os pormenores, a audiencia que o embaixador portuguez teve d'esse rei visinho, o qual «deve chamar-se antes um regulo ou reisinho, embora os portuguezes e os indianos lhe dêm a honra d'um titulo real; pois, elle não tem o estado, nem a côrte, nem a apparencia conveniente a um rei, além de ser tributário de Adil Shah, que, por sua vez, o é do Mogol», — observação esta que o viajante repete em mais d'um logar, estranhando que os portuguezes tratassem como reis todos esses pequenos principes da India, sem desagrado, antes com annuencia da «côrte de Hespanha».

Referem-se egualmente todas as particularidades vistas pelo italiano com os seus proprios olhos, ácerca da idolatria dos gentios, das suas vãs superstições, idolos, templos, pagodes e ritos «que, na maioria, se assemelham aos da idolatria do antigo Egypto. Pois, persuado-me, com fundamento na autoridade de escriptores antigos, que o culto de

Isis e Osiris foi commum ao Egypto e a esta região (1); em Philostrato vejo Apollonio affirmar que viu na India estatuas de deuses não só egypcios, mas ainda gregos, como Apollo, Baccho e Minerva» (2).

Pela uma hora da tarde de 31 de outubro, João Fernandes Leitão e Della Valle sahiram de Onor a bordo d'uma manchúa e o resto da comitiva n'um barco menor. Vitola Sinay devia acompanhal-os, mas ficou atraz. Subindo o rio, que corre ao sul de Onor, tanto a remos como á vela, chegaram ao anoitecer a Garsopa onde se alojaram.

«Garsopa foi outr'ora uma cidade famosa, metropole de provincia e séde d'uma rainha, visto que ahi, como em varios outros estados da costa da India, governam frequentemente mulheres, succedendo ás mães suas filhas ou parentas proximas, qualquer que seja o pae; pois estes gentios presumem (e é verdade) que a geração pela linha feminina assegura, muito mais do que pela masculina, o sangue e a linhagem ancestral» (3).

«A ultima rainha de Garsopa se enamorou d'um extrangeiro qualquer, homem ordinario, a quem se entregou juntamente com o seu reino. Mas, escolhendo um amante de baixa extracção, motivo porque foi censurada e odiada pelos indios que são muito rigorosos observantes da nobreza e mantenedores da dignidade dos seus antepassados sob todos os pontos, não praticou, comtudo, qualquer falta contra sua honra; porquanto n'estes paizes é licito a taes rainhas escolherem amantes ou maridos, quantos quizerem.

---

(1) «Isto suscita uma questão que se não pode discutir completamente n'uma nota. Mas, admittindo — como é plausivel e como diz positivamente Diodoro — que Isis e Osiris de facto representem a lua e o sol respectivamente, pode acceitar-se como provavelmente correcta a informação supra. Sir W. Jones chegou á conclusão de que tiveram uma origem commum os deuses da Grecia e da India, e que «toda a multidão dos deuses e deusas da antiga Roma e do Hindostão significa apenas as forças da natureza». (Nota do editor inglez).

(2) «Não pode ser litteralmente verdadeiro este asserto de Apollonio, embora este não tivesse encontrado difficuldade alguma em connectir as estatuas dos deuses hindús com as da mythologia grega por alguns signaes exteriores de semelhança». (Idem).

(3) N'este trecho que allude ao costume estabelecido em varias partes da India, de se restringir a herança á linha feminina, o viajante é laconico com respeito á maneira de se reguler a successão, que, porém, esclarece adiante na 6.ª carta, e principalmente na 7.ª, fallando de Calecut. «Encontrou, diz, no palacio do Samorim duas raparigas que não eram filhas do rei, mas da rainha, isto é, da irmã

O homem favorecido pela rainha, porém, nutrindo pensamentos tão baixos como o seu sangue, em vez de corresponder com reconhecimento á protecção da rainha, tentou rebellar-se contra ella e tirar-lhe o reino, pretensão que chegou a realisar ganhando as sympathias dos mais eminentes subditos. A rainha, vendo-se opprimida pelo trahidor recorreu aos portuguezes, offerecendo-lhes todo o seu estado comtanto que a livrassem da imminente ruina. Mas, os portuguezes, conforme com o que têm procedido na India para com os seus amigos, com prejuizo d'elles proprios e

---

do rei, que era de facto a rainha; pois, como esses gentios derivam a sua descendencia e herança pela linha feminina, embora a administração seja conferida aos homens, por mais apropriados a ella, e aquelle que governa, seja denominado rei, comtudo não é chamada rainha, nem realmente o é, sua esposa ou qualquer concubina (que as ha muitas), mas sua irmã e entre ellas, se houver mais d'uma, aquella a quem, por sua edade e outros respeitos, pertencer o direito. De modo que, quando morre o rei que governa por ser filho da rainha-mãe, não lhe succedem seus proprios filhos, mas os filhos de sua irmã, e, na falta d'esses, os de alguma parenta mais proxima pela mesma linha feminina. Assim, essas duas raparigas, sobrinhas do Samorim, eram de direito princezas ou infantas do reino de Calecut».

D'este costume, como de muitos outros dos povos indianos, havia já tomado exacto conhecimento, no seculo XVI, o insigne Garcia de Resende, na sua interessantissima *Miscellanea*, em que descrevendo admiravelmente a «variedade de historias, costumes, casos e cousas que em seu tempo aconteceram», diz:

Os reis do Malabar,
senhores e nobre gente,
seus filhos não hão de herdar
por das mães não confiar.
e ha de herdar um parente
filho de irmã, ou de prima
mais chegada; este estima
e declara por herdeiro
como filho verdadeiro,
os seus todos desestima.

Como é por rei alçado
o rei, e obedecido,
é por principe jurado
o sobrinho mais chegado,
por herdeiro conhecido;
e como é confirmado
e por filho nomeado,
logo o mandam apartar
sem na côrte mais entrar
até el-rei ser finado.

dos outros, só a ajudaram muito tarde e com frieza. Por outro lado, o trahidor (por sua infelicidade, ou talvez por justo castigo de Deus) solicitou contra a rainha e os portuguezes o auxilio de Venctapa Naique, ao presente senhor d'estas regiões. Aproveitando-se da occasião, Venctapa Naique entrou de subito no reino de Garsopa com grande força e diligencia, de forma que, a breve trecho, tornando-se senhor do paiz todo e da cidade real, e tendo repellido os portuguezes que tinham ido a defendel-a, fez prisioneira e levou a rainha para sua côrte,

---

A opinião dos hindús, acceita pelo viajante, quanto á genuinidade da geração pela linha materna e á consequente lei de successão, não era um facto singular. No canto I da *Odysséa*, quando Minerva se encontra com Telemaco, e lhe pergunta se é filho de Ulysses, responde o filho de Penelope—«Minha mãe disse-me que sou filho de Ulysses; mas eu o ignoro; qual é o mortal que conhece seu pae?»—E Minerva replica—«Concederam-te os deuses um nascimento illustre, poisque Penelope é tua mãe..».— Ovidio nos *Fastos* (I, v. 471-472) assignala que Evandro era mais nobre pela parte materna do que pela paterna:

Hic fuit Evander; qui quamquam clarus utroque,
Nobilior sacrae sanguine matris erat.

E Virgilio, referindo-se na *Eneida* (XI, v. 340 e 341) á incerteza da origem paterna de Drances, rival de Turno, affirmou comtudo a sua nobreza pela mãe:

..... *genus huic matèrna superbum*
Nobilitas dabat, incertum de patre ferebat.

Parece que n'estes mesmos principios se inspiraram as Ordenações manoelinas e filippinas, quando estabeleceram: «E se quizerem tomar somente estremas as armas da parte de suas mãis podeloam fazer» (Ord. Man., liv. 2.º, tit. 37, § 2.º, e Ord. Fil., liv. 5.º, tit. 92, § 4.º).

O facto natural da maternidade, escreve Giraud-Teulon (*Les origines da la famille*), e não o principio do poder paterno tem regulado o parentesco e a genealogia de muitos povos, e n'esta conformidade, é transmittido o direito de successão. Entre os lycios, conforme refere Herodoto, se alguem era interrogado sobre a sua familia, indicava a genealogia da mãe e das avós da mãe. O mesmo succedia entre os locrios, onde a nobreza só era transmittida pela genealogia uterina. Viu-se identico facto entre os americanos (Lafitau, *Moeurs des sauvages* e *Histoire des découvertes et des conquêtes des Portugais*, e Heriot, *Canadá*), bem assim em varios outros povos do globo (Sir J. Lubbock, *Origin of civilization*).

O systema hindú, não geral, mas limitado, de transmissão da herança pela linha feminina, póde considerar-se um resultado inevitavel do seu regimen de polyandria. Lê-se a este respeito no magnifico relatorio do ultimo censo da India Britannica:

«A India apresenta exemplos de ambos os typos reconhecidos de polyandria: a matriarchal, em que uma só mulher forma allianças com dois ou mais homens que não é necessario sejam entre si parentes, e a successão,

onde ella, embora tivesse sido tratada com honra, terminou os seus dias n'uma decente prisão. Mas, o trahidor expiou o seu crime, morto por ordem de Venctapa Naique, o qual, para segurar melhor o estado sob seu poder, mandou destruir a cidade e o palacio real de Garsopa. Assim essa outr'ora florescente cidade está reduzida a matto, tendo crescido arvores sobre as ruinas das casas, e vendo-se ali apenas quatro cabanas de aldeões» (1).

O embaixador com a sua comitiva alojaram-se n'um logar de pouso publico, coberto com um telheiro entre arvores, onde se pesava e se contractava a pimenta, quando os portuguezes a iam buscar, porquanto «esta terra produz muita pimenta, d'ahi os portuguezes chamarem a rainha de Garsopa *rainha da pimenta*».

No 1.º de novembro, partiram de Garsopa; tiveram de subir os Ghates. «A subida não é difficil, antes facil e agradavel como em outras partes, vendo-se macissos de arvores de extraordinarias dimensões, algumas tão erectas que podem servir para mastros de navios. Além d'isso, a montanha é cortada de ribeiros e fontes que me lembraram os pittorescos Appeninos da Italia. Se ha differença, é a favor dos Ghates da India, porque a altura é menor do que a dos nossos Appeninos, a ascensão mais facil, a vegetação mais bella e densa, as aguas não menos abundantes e limpas.

---

por isso, segue pela linha feminina, — e a fraternal, em que ella se torna esposa de muitos irmãos. Actualmente, a primeira está limitada aos Todas doa Nilgiris, e aos Naires e outras castas da costa do Malabar, comludo, mesmo ali, está cahindo em descredito o desuso, tomando, onde subsiste, gradualmonte a forma fraternal. Diz o relator (do censo) de Travancor que ao presente, as classes respeitaveis são estrictamente monogamas... Em todo o caso, o facto da herança ser transmittida pelo lado feminino é uma prova clara de que, em tempos antigos, provalecia geralmente o systema. Tambem estava provavelmonto espalhado entre muitas tribus nas outras partes da India, que actualmonto não conservam tradição alguma da pratica, *e. g.*, entre os Khásis e Gáros de Assam, quo adherem ainda ao systema de successão pela linha feminina, os Doms, Házis, Pásis e Bihar Tántis etc., entre os quaes o filho da irmã ainda funcciona como sacerdote, o os Kalus, cujos arranjos matrimoniaes são dirigidos pelos tios maternos dos nubentes». (*Census of India*, 1901, vol. I, *Report by H. H. Risley & E. A. Gait*, pg. 447-448).

(1) Em varias chronicas portuguezas se faz menção de Garsopa, que os inglezes converteram em Gairsappa ou Gerusappé. Era um dos pequenos estados nativos, sujeitos ao rei de Bisnagar. Na *Jornada* do arcebispo de Goa, D. fr. Aleixo de Menezes, por fr. Antonio de Gouveia, se lê a fl. 126 v., que, em 1599, esse prelado havia prohibido aob pena d'excommunhão aos christãos da terra irem á certa festividado que, em dia prefixo, se celebrava em Garsopa,

Se em alguma cousa os Ghates são inferiores, é na frequencia dos logares habitados, na sumptuosidade das construcções e porfim nas bellezas que os industriosos habitantes acrescentam aos Appeninos; os Ghates têm apenas as que lhes liberalisou a natureza, e que estão incultas».

Chegando ao topo dos Ghates, encontraram ao pé d'uma elevada rocha, «uma especie de porta cerrada, com um muro de estreita passagem, que torna o logar sufficientemente forte. Um pouco adiante, no cume, baluarte e linhas de barro, que guardam a passagem, e uma fortaleza razoavel, de uma e meia milha de circuito, a qual outr'ora se chamou Garicota, mas agora Govarada-naghar. Alojamo-nos á distancia d'um tiro de mosquete da fortaleza, n'um planalto, onde ha algumas casas como d'uma aldeia, e entre ellas um templo de Hanuman, um dos dois simios, que, segundo as fabulas indianas, Rama empregou para recuperar sua mulher Sitâ, sendo por esta boa acção e pelos seus milagres adorados pelos indios. Vi a estatua d'elle com luzes accêsas á frente, e uma mão de prata, sagrada, offerecida por algum do seu devoto, curado talvez d'alguma doença de mãos».

«Para baixo do logar do nosso pouso, entre pequenos valles, existe um grande e bello tanque que recebe a agua d'um rio que desce da montanha, e o sobejo vae para valles mais baixos. A' noite, ouvimos musica á porta d'aquelle templo; tocavam muitos instrumentos rudes, e grandes buzinas semicirculares de metal. Indaguei o motivo d'esta festividade, e disseram-me que o idoo tinha de ir já, com grande acompanhamento de homens e mulheres, em romaria a um logar da sua devoção, proximo de S. Thomé, com jornada de mais d'um mez, — que seria, conforme o costume, conduzido n'um palanquim e processionalmente, com varios cantos e toques, da mesma forma como, entre os christãos, os corpos e as imagens dos santos são levados processionalmente, quando alguma communidade ou confraria vae, no anno santo, em peregrinação a Loreto ou á Roma. Entre outros, estava assistindo ao serviço do idolo certa mulher, que me disseram ser tão abstinente que só comia arroz; consideravam-n'a uma santa, com fundamento na fama do idolo se comprazer em dormir com ella: cousas que estes ingenuos reputam como um grande favor espiritual. É provavel que algum demonio incubo tenha que fazer com ella e a engane com falsas illusões, dizendo-lhe que é seu Deus; d'esta

casta de mulheres ha bastantes entre os mouros (1). Muitos recorrem a essa mulher pedindo prognosticos, e ella responde-lhes consultando o idolo. Fez-se em nossa presença um d'esses interrogatorios (2). Outros vão offerecer ao idolo fructas e quaesquer comestiveis que um dos sacerdotes lhe presenta, murmurando orações; e tirando ao depois metade das offertas, que se dão aos serviçaes do templo, torna a outra metade, ainda mesmo que seja um côco, ao offerente, que a recebe com muita reverencia e a come com devoção, como alimento sagrado e provado pelo idolo».

O capitão da fortaleza, Mir Bai (um mouro do Deccan que tinha sido, quando official de Melique, capitão de Adil Shah nas fronteiras de Goa, feito prisioneiro na guerra entre Adil Shah e Venctapa, e, desde ha 25 annos, governava essa fortaleza) mandou um presente de cannas de assucar e refrescos ao embaixador, a quem egualmente Vitola Sinay, que viajava com elles, mas á parte, visitou e entreteve com uma sessão d'esgrima, como se diria hoje, na qual tomaram parte dois rapazes armados de espadas feitas de canna da India. «A proposito, não omittirei que, entre os indios, é costume cada um manejar e usar uma só especie de arma, com exclusão de qualquer outra, ainda em tempo de guerra. Assim, uns combatem com espadas, outros com espadas e broqueis, outros com lanças, outros com arcos e settas, e outros com mosquetes. D'est'arte, usando cada qual uma unica arma, n'ella se torna habil e dextro».

---

(1) Manifesto lapso de penna; *mouros* não, mas *hindús* ou *gentios*, na phrase costumada do nosso viajante.

(2) Uma curiosa nota da actualidade, acerca de taes *santas* e *prophetizas*, é a que se lê no elegante livro *Visions de l'Inde* (1903). Eis como Jules Bois descreve a sacerdotiza de Naioa-Devi e Nauda-Devi, em Naini-Tal:

«Tout à coup une femme se leva, horrible, sa tunique fendue jusqu'à la ceinture, exhibant des seins plissés et lourds qui, dans ses gesticulations, claquèrent sur sa poitrine, avec le bruit mat de fruits desséchés, de pendeloques noires. Sur sa tête, ainsi que sur la tête d'un homme, se pavanait un turban sali et déteint, d'où fuyaient des mèches d'une inidéfinissable couleur. De loin je les pris pour des cordes. Un poète aurait cru y voir les serpents de la face de Méduse. Mais c'était bien réellement des cheveux. D'abord bruns, ils avaient été décolorés par les pluies, jaunis par le soleil; la poussière des routes enfin les avait imprégnés de sa cendre grise. La vieille m'adressait, à moi l'étranger, des imprécations. Et ses yeux luisaient de l'éclat artificiel des moires ou de ces paillettes qui, brèves, scintillent

Na manhã de 2 de novembro, Vitola Sinay visitou primeiro o embaixador, e em seguida o capitão da fortaleza, acompanhado de grande numero de homens differentemente armados; dois d'elles foram ao pé do capitão, dançando e esgrimindo as espadas á sua guisa, como se ambos estivessem em lucta. «A visita foi recebida no pateo do pequeno templo atraz mencionado e durou algum tempo. Vitola Sinay que fallava bem a lingua portugueza, serviu de interprete entre o embaixador e o capitão, e com bons modos declarou ao embaixador que, antes de regressar, devia mandar algum presente ao capitão e visital-o na fortaleza; era esse o estilo, que o capitão por sua parte já cumprira; e como o embaixador não fizera outro tanto, elle (Vitola Sinay) o tinha desculpado para com o capitão, tanto da falta do presente, pretextando terem ido adiante as bagagens, como da falta da visita, porque o não quereria fazer sem o seu presente; e que tudo faria no regresso. No fim da entrevista, Vitola Sinay mandou vir uma pequena bandeja de prata, cheia de folhas de betle e entregando-a ao embaixador, disse-lhe que as offerecesse ao capitão, sendo estilo na India, do visitado, ao terminar a visita, offerecer betle ao visitante (1). O embaixador assim o fez, mas o capitão sem tirar folha alguma, passou a bandeja ás pessoas qualificadas da sua comitiva, que se achavam de pé; tambem nenhum d'elles se serviu, e a bandeja passando de mão a mão, foi retirada intacta. Com o que terminou a visita».

---

sur l'eau. J'en détournai mon regard comme d'un piège hypnotique. Ce miroitement malsain faisait souffrir, dénonçant un organisme consumé de fureur et d'hystérie.

— C'est la sainte de Naini-Tal, prononça Bharamb avec respect, elle voit les idoles, elle prophétise.

Et, comme je ne pouvais cacher mon dégoût, il ajouta gravement:

— Jamais une parole n'est tombée de sa bouche en vain!».

(1) A offerta não seria unicamente de folhas de betle, mas sim do masticatorio indiano a que geralmente se dá o nome de betle, e que se compõe de areca, cal ou *chuname*, e varias especiarias, conforme a grandeza e categoria das pessoas, tudo envolvido n'uma folha de betle, e chamado em concanim *viddó*, corrupção, ao que parece, da palavra sanskrita *vittika* —विटिका—. D'esse muito conhecido masticatorio, offerta obrigada em todas as visitas e reuniões hindús, falla d'espaço o viajante n'um trecho da sua primeira carta, o qual, por obvios motivos, omittimos no respectivo logar. Os indo-chinezes tambem usam mascar areca e betle.

Uma das curiosidades que, no atrio do pagode, excitou a attenção do italiano foi a escola primaria. Uns meninos estavam aprendendo a arithmetica d'um modo para elle estranho. Eram quatro e o mestre havia-lhes passado a mesma lição que deviam decôrar juntamente com as antecedentes, para se não esquecerem. Um d'elles cantava regularmente em tom sustido, que fizesse impressão na memoria, uma parte da lição; por exemplo: uma vez um um, um; e ao mesmo tempo escrevia os algarismos, não com a penna, nem no papel, mas com o seu dedo e no chão, para este fim todo atapetado com areia muito fina; o que elle cantava e escrevia, os outros tambem cantavam e escreviam juntos, semelhantemente. E assim por diante. Estando cheio de algarismos o espaço destinado para a escripta, os meninos, para continuarem, apagavam-n'os com a mão, ou deitavam nova areia que tinham perto n'um monticulo. Assim continuaram até ao fim dos exercicios. Da mesma forma, aprendiam tambem a lêr e escrever, sem dispendio de papel, pennas nem tinta. Não estando presente o mestre, perguntou o viajante aos meninos, quem os corrigia ou ensinava, quando acontecesse esquecerem a lição ou errarem uma parte d'ella? Responderam, e disseram a verdade, que lhes não era possivel a todos os quatro esquecerem ou errarem, e que, se faziam os exercicios em commum, era com o fim de se ajudarem e corrigirem mutuamente. Na verdade — observa Della Valle — magnifico, facil e proficuo meio de ensinar (1).

Continuando o itinerario, dirigiram-se primeiro para léste, depois para o sul, mas por vezes sem acertar no rumo. Subiram montanhas, percorreram caminhos invios, ora subindo, ora descendo, mas sempre atravez de grandes e compactas florestas, cheias de herva e cortadas de aguas,

(1) De facto o é, e o systema ainda voga nas escolas primarias hindús de ensino livre em Goa, e tambem n'outras partes da India. N'essas escolas, que funccionam geralmente nas varandas dos pagodes aldeanos ou de casas particulares, presta-se especial attenção ao calculo mental, d'onde resulta que os alumnos sahem dextros na contabilidade, que é o forte dos hindús, cujas tendencias para a mathematica são, desde remota antiguidade, bem conhecidas. O canto simultaneo não comprehende unicamente a taboada de multiplicação, mas de manhã as orações chamadas *bhupavalis*, e de tarde certos versos em louvor de Gonepoty e de Sarasvati, a Minerva indiana. Vê-se d'ahi que o hindú comprehendeu nitidamente o papel que convém á educação religiosa no ensino primario.

não menos pittorescas do que a região antes vista. A' distancia de pouco mais de meia legoa da fortaleza, encontraram, á beira do caminho, uma mesquita de mouros, com um tanque de agua, mas não muito bem tratada pelo capitão do forte, a quem o rei a permittira fazer, concedendo-lhe assim um grande favor; pois os gentios não consentem nas suas terras templos de outros cultos.

Mais adiante, colheu-os a noite no meio d'um bosque tão cerrado que, não obstante haver luar, se viram obrigados a caminhar uma boa parte com tochas accêsas. «As tochas usadas na India não são como as nossas, mas feitas de metal em forma d'aquellas com que se pintam as furias do inferno, a sua luz é alimentada com breu e outras materias sêcas, que se mettem na cavidade que ha no topo, na qual tambem se deita frequentes vezes um liquido inflammavel, que o portador da tocha leva n'uma mão em garrafa de metal, com o gargalo fino e comprido, proprio para este fim; pois, quando elle é avisado para espertar a chamma, deita uma pequena quantidade, protegendo-se do fogo com o comprimento do gargalo». Ao cabo de muito andar, repousaram á sombra d'uma grande arvore, onde, uns em palanquins, outros extendidos no chão passaram a noite com incommodidades e sem comer, não havendo cousa alguma, mais do que pouco de pão. Uma fogueira que accenderam, abrigou-os do frio, que é rigoroso no cume d'essas montanhas proporcionalmente á sua altura. «Comtudo, essa noite nos não foi de maior frio do que, em começos de setembro, costuma haver em Roma, ainda em annos temperados.»

No dia seguinte, 3 de novembro, proseguiram a jornada e, a breve trecho, chegaram a uma aldêa de quatro habitações, chamada Tumbré, onde descansaram por algum tempo.

N'esta povoação Della Valle encontrou novamente embostados os pavimentos das habitações. «Considerava uma tal pratica — diz elle — como um rito supersticioso de religião: mas, agora fico sabendo que é um uso de elegancia e asseio, porque não havendo, nem se conhecendo aqui o nosso systema de pavimentos fortes e duraveis, fazendo-os esta gente de terra leve, que facilmente se deterioram, cobrem-os, para os ter planos, lisos e firmes, de uma camada de bosta agoada, se já a bosta não fôr liquida (sendo-o, não ha neccessidade de agua) com a mão ou qualquer outro instrumento, e assim o pavimento fica liso, brilhante,

resistente e d'um bello verde, visto serem herbivoras as vaccas cuja bosta se aproveita. Isto tem vantagens; o polimento é feito logo, secca immediatamente e resiste ao piso, ou a qualquer outra cousa que sobre o pavimento se faça. As casas, onde nos alojámos, tinham sido recentemente embostadas e estavam sufficientemente sêcas para as podermos occupar. Achei isto uma cousa devéras curiosa, e pretendo experimentar na Italia, tanto mais que se diz que as casas com pavimentos embostados garantem da peste (?), o que não é para desprezar. Apenas ha um senão: a belleza e o polimento não dura; mas tem de renovar-se a operação frequentes vezes, e quem quizer ter suas casas limpas, terá de mandal-as embostar cada 8 ou 10 dias. Como isso è mui facil e custa uma bagatela, fazem-n'o até as pessoas pobres. Os portuguezes tambem costumam embostar suas casas em Goa e outras partes da India; e, para concluir, é certo que este uso não é supersticioso, mas tem origem na limpeza e asseio; e não é de admirar que seja vulgar entre os gentios, e talvez quotidiano nos logares onde comem, os quaes, sobre todos os outros, devem estar mais limpos (1).

«Verdade seja que os gentios, por um preceito religioso, não comem em qualquer logar onde o tenha feito outro de religião ou raça differente (na sua opinião impura), sem que primeiro o purifiquem, embostando-o; da mesma forma como nós, não por motivo religioso, mas por costume, lavamos e caíamos os compartimentos onde alguem tenha fallecido. Disse — onde o tenha feito outro de religião differente ou raça impura — porque os gentios são mui rigorosos e supersticiosos entre si proprios, e os de raça nobre não comem com outros, inferiores. Assim, n'uma e mesma raça, como na brahamane, que é a mais nobre, alguns como os panditas ou bottos que são n'ella muito considerados, não comem em companhia, nem em casa d'um sinay ou naique, e de outros nobres que comem peixe, conhecidos com o nome geral de *mazari*, e que são muito menos reputtados do que aquelles que o não comem. Todavia os sinays, naíques e *mazaris* que são inferiores, comem em casa d'um pandito ou botto, sem se contaminarem, antes julgando-se com isso honrados».

Proseguindo a jornada, com paragens a intervallos,

(1) Veja-se atraz a nota (1) a pg. 140.

fizeram no dia 4 de novembro alto n'uma aldeia consideravel e populosa, chamada Ahineli (a moderna Honelli, ao que parece). Alojaram-se no alpendre d'um pagode dedicado a Virena Deurú, nome applicado ao lingam, emblema de Siva. O idolo ficava no fundo do templo. Dentro d'este havia muitas estatuas de pau, de varios deuses e idolos menos importantes, collocados em differentes logares, para ornamentação, tendo diversas formas, não raro obscenas. De alguns d'esses idolos soube o italiano os nomes; d'outros, lh'os não pôde dizer o barbeiro hindù, Deugy, da comitiva do embaixador, o qual entendia um pouco de portuguez. Dentro da cêrca do templo, havia tres pequenas cellas, duas vagas, havendo na terceira uma figura de boi, que o barbeiro reconheceu e disse ser tambem do seu paiz (terra de Adil Shah), chamado Basavana, o boi estava meio deitado, ou antes sentado com a cabeça erguida, outro boi estava na parte interior do templo, junto do oratorio de Virena, como se lhe fizesse a guarda. E' frequente nos pagodes representar o boi com o idolo de Siva, como no Egypto o deus Mithas. Della Valle assistiu a uma procissão e a varios actos cultuaes n'esse pagode.

João Fernandes Leitão recebeu uma carta de Vitola Sinay, dizendo ter fallado a Venctapa Naique, o qual, satisfeito com a chegada do embaixador do vice-rei, lhe tinha preparado a mesma casa em que se tinha alojado o rei de Belgi, quando esteve n'aquella côrte; e que o receberia com todas as honras. Portanto, que o embaixador apenas chegasse a Ahineli, o prevenisse, o que se fez pelo mesmo portador que logo voltou.

A 5 de novembro, alta noite, o embaixador recebeu nova carta de Vitola Sinay, recommendando-lhe que passasse com a comitiva a uma importante povoação, visinha da côrte, denominado Badrapôr, onde encontraria alguns enviados do rei para o acompanharem até á côrte, não obstante João Fernandes ter prevenido Vitola Sinay de que não desejava acompanhamento á entrada, mas apenas quando fosse apresentar-se ao rei.

No dia 6, sahiram de Ahineli; ao meio-dia chegaram a Badrapôr, onde resolveram descansar, conforme escrevera Vitola Sinay. Mas, tinham decorrido apenas duas horas que se viram cercados de muita gente, attrahida pela curiosidade a vêl-os. O embaixador, quer porque recebesse outra carta de Vitola Sinay, quer porque não desejasse uma

entrada pomposa, abalou d'ahi com 2 dos, e pouco depois chegaram a Ikkeri.

Para entrar na cidade foi necessario passar tres portas, com pequenos fortes e fossos, e consequentemente tres cercados; os dois primeiros não tinham paredes, mas eram feitos de altos bambús, densos e compactos, figurando uma boa muralha, resistente a qualquer assalto, á infanteria, cavallaria e ainda ao fogo (1). Essa muralha apresentava um bello aspecto devido á folhagem. Ikkeri tinha uma grande área, sendo, comtudo, raras as casas, mal construidas, especialmente fóra do terceiro cercado, e a maior parte da terra tomada por grandes e compridas estradas, algumas ensombradas com altas e vistosas arvores, semelhando uma floresta, de modo que tudo por junto — cidade, campos e bosques — proporcionava um quadro magnifico.

O embaixador com a comitiva alojou-se na mesma casa em que residiu, como se disse, o rei de Belgi e que na verdade era tal que, em qualquer logar da Europa, só podia servir de habitação a um artifice ordinario, tendo poucos compartimentos, pequenos e escuros, com luz mal sufficiente para se lêr uma carta. «Fazem-se aqui escuros os compartimentos, para se preservar do excessivo calor do verão. Não obstante, a casa devia considerar-se a melhor, por ter servido de residencia áquelle rei e agora ao embaixador; mas, á nossa passagem pela cidade, vimos algumas de melhor aspecto».

«A noite, trouxeram ao embaixador dois leitos para dormir e alguns tamboretes para seu uso, uns feitos de bambú entrelaçado, sem assento de couro nem panno, muito usados em Goa e outros logares da India; e outros forrados de couro».

Na manhã de 7 de novembro, Vitola Sinay visitou o embaixador, ao qual, em nome do seu rei, obsequiou com cannas de assucar, fructas, assucar e outras cousas de

---

(1) Em Goa houve tambem, no seculo XVIII, um bambual-fortaleza, destinado a defender Salsete. Foi mandado plantar pelo vice-rei Conde da Ericeira, depois Marquez do Louriçal, no seu primeiro governo Dos seguintes documentos, que deixamos aqui reunidos, consta a sua descripção com o mais que succedeu.

1. *Officio á côrte* — Senhor. Com a assistencia que fiz na provincia de Salsete, cuja fronteira visitei toda, se deu principio á utilissima obra do bambual, de que já na monção passada dei conta a Vossa

comer, menos carne; parecendo ao italiano ter-se desculpado pelo rei lhe não mandar carneiros ou outros animaes, com o protexto de que Venctapa, sendo de raça lingavant, ou nobre, que não come, nem mata quaesquer creaturas, peccaria e se desacreditaria, enviando ao embaixador qualquer rez para seu uso. Juntamente com aquelle presente, mandou uma alcatifa, não como offerta, mas unicamente para uso do embaixador, tão gasta porém, que já tinha um buraco; o embaixador deu-a ao seu interprete, para lhe servir de cama, e, de facto, nada satisfeito se mostrou á comitiva com taes presentes, porquanto, fallando da recepção que Venctapa lhe tinha feito, muitas vezes dizia «conforme o natural e geral costume dos portuguezes: — façame elle menos honras, mas conceda-me mais cousas, e será o melhor» —.

Magestade, e no primeiro mez de inverno ficou todo plantado, sendo por distribuição da camara geral a distancia desde o rio de Cavorim (principio da obra) até Verodá, continuando d'alli até o limite de Conculim á custa do Conde, cuja aldêa, como he confinante com a de Assolnã, dos Padres da Companhia, foi tambem por conta destes religiosos o districto, que lhe pertencia, e aqui vem a acabar na boca do rio do Sal, ficando a frente defendida com o bambual, e o resto, como he peninsula, com os dous rios. — Tem o bambual de fundo igualmente em todas as partes oito braças, e este se hade ir augmentando todos os annos pela parte de fóra, que pertencie a El-Rei de Sunda, e de frente seis mil quinhentas e setenta, ficando certamente impeneiravel a sobredita provincia com uma fortificação, que nem com a artilheria se lhe abre brecha, nem com as escadas se assalta, nem com as chuvas se arruina, he impraticavel que a cavallaria a peneire, nem a infanteria e franqueie, porque, além de que a grossura, e dureza dos bambús se não póde cortar com facilidade, são unidos huns aos outros com cardeiras, leiteiras, e outras plantas cheias de espinhos; e ainda o fogo que perece seria o unico meio, de que se poderiam valer os inimigos para invadir o sobredito paiz, não pode facilitar-lhe a entrada, porque as mesmas cannas ou bambús depois de queimadas ficam rachadas, e tão cheias de pontas, e o chão tão semeado de estrepes que nem os homens, nem os cavallos podem dar hum passo; e depois sem novas plantas tornam a rebentar as primeiras, não necessitando mais que de 3 até 4 annos para crescerem, de forma que defendam. — Deixei somente tres estradas por bastarem essas para se fazer o commercio commodamente, ficando em cada huma dellas sua porta forte, defendida por huma companhia de infanteria, para o que mando fazer quarteis, tendo emcima de cada porta duas peças de artilheria, tanto para servir de fazer hum aviso, como para afugentar os inimigos no caso que appareçam, e como as sobreditas tres portas se hão de fechar de noute, fica livre a provincia de toda a surpresa, os criminosos se não podem ausentar, e os rendeiros das rendas reaes se animarão a fazê-las crescer, vendo-se seguros dos descaminhos que elles irremediavelmente costumam ter,

«Vitola Sinay declarou que no dia seguinte, pelas 3 horas da tarde, o embaixador teria a audiencia do rei, porquanto este e seus assistentes sómente se vestiam depois do

---

e se ha mais tempo se houvera feito esta obra, não teriam os moradores de Salsete experimentado tantas perdas; e sou obrigado a dizer a Vossa Magestade, que o general da mesma provincia D. Antonio Casco e Mello se tem havido nesta obra com mais incansavel zelo, que he possivel. Agora determino ver se o terreno permitte semelhante plantamento na provincia de Bardez, que como tem pela parte da terra huma forte muralha com varios fortes, que a defendem, ficará inconquistavel pela do mar, se se cobrirem as dilatadas praias de Candolim com semelhante defensa. — Deos guarde a muito alta, e multo poderosa pessoa de Vossa Magestade felizes annos. Goa 9 de dezembro de 1719. — Rubrica do *Conde da Ericeira* (L. das *monções*, n.º 85, fl. 7).

2. *Provisão do Conselho Ultramarino*—Dom João, por graçe de Deus Rei de Portugal e dos Algarves etc. Faço saber a vós João de Saldanha da Gama, vice rei e capitão general do Estado da India, que se vio o que respondestes em carta de 17 de dezembro de 1726 á ordem que vos fiz sobre se findarem as contas do dinheiro que se havia applicado para a obra da plantação do bambual da provincia de Salsete, pondo-se uma efficaz diligencia na averiguação dellas, dando-se-me conta do que dellas resultasse, representando-me que a conservação do bambual he tão difficil e onerosa como elle necessario e proveitoso para a segurança de Salsete; e ainda que seja verdade que esta utilidade não experimentará nos primeiros dez annos, ficavela comtudo lidando no seu ultimo estabelecimento vencendo a opposição que lhe tem os naturaes por lhe *(sic)* difficultar a passagem para as terras de Sunda e a extracção das fazendas furtadas aos meus diretos; e como o seu plantamento fique em não pouca distancia das povoações, humas vezes o destroem com o fogo e outras com o gedo, tornando-o quasi impossivel, pois ainda que se tinha defendido com penas, se eximem dellas com a mesma cautela com que se lhe oppoem; a que as contas estão nos termoe que constavão da certidão que me remettieis para as quaes applicarieis o maior cuidado para que completamente se effectuem: me paraceu dizer-vos que espero do vosso zelo ponhais huma efficez diligencia, não só a que se conclua o estabelecimento do bambual, mas que se tenha o maior cuidado ne sua conservação, castigando os seus aggressores que commetterão o delicto de o destruir, com aquellas penas condignas a este delicto; e no que respeita ás contas que insinuaes, que será justo se findem, dando-me conta do que dellas resultar. El-Rei Nosso Senhor o mandou por Antonio Roiz da Costa e o dr. José de Carvalho e Abreu, conselheiros do seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias. Antonio de Souza Pereira a fez em Lisboa Occidental em 29 de março de 1728. — O Secretario André Lopes de Levre a fez escrever. — *Antonio Roiz da Costa* — *Joseph de Carvalho Abreu*—(L.º das *monções* n.º 95, fl. 1).

3. *Resposta do vice-rei* — Senhor O bambual se perdeu quasi todo em este anno, sendo a causa o ter dado nelle semente, e conforme asseverão os naturaes tem este perigo em cada 50 annos; affirmão tambem, que arrebentando novamente, como costuma, se precisão 10 annos para se fazer impenetravel; porei comtudo o maior cuidado na sua conser-

seu jantar. Conhecendo os estilos das côrtes, e que os principes não esperam, mas fazem-se esperados, dependendo as horas d'audiencia da vontade d'elles e não dos

---

vação. As contas do dinheiro applicado ás despesas do dito bambual se achão quasi todas findas. Deus guarde etc.—Goa, 5 de janeiro de 1729 — Rubrica de *João de Saldanha da Gama*, (L.º cit., fl. 2).

Instrucções de El-Rei D. José ao governador D. José Pedro da Camara.— Tratando da reparação das provincias de Salsete, Canácona e suas fortalezas, dizem sob a epigraphe *Bambual*:

«A segunda fortaleza he a natural, que o judicioso Marquez do Louriçal mandou estabelecer na dita provincia da Canácona, quando governou a India pela primeira vez; consistindo em hum bambual semelhante aos Tabocaes, que defenderam Pernambuco contra os hollandezes, o qual discorria desde a margem occidental do rio da Rachol até á outra margem meridional do rio do Sal.

«As muralhas dos referidos bambus são de grande uso na Asia. Com ellas cobre o Bounsulé a sua côrte de Vari; e outros asiaticos os seus postos dos Gates. Semeando-se em hum anno, crescem dentro em dous, e em pouco mais se fecham, como entre nós os muros de loureiros. Ficam impenetraveis. E são inacessiveis postando-se de tres delles corpos de fusileiros. Tem de mais a mais vantagem de que nelles se não ateia fogo porque sempre estão verdes, e são muito compactos.

«Em cuja consideração se deve logo mandar semear, e cultivar o referido bambual não no sitio, em que antes esteve, quando Canácona era albais; mas sim a principiar no rio de Rachol, e acabar no outro rio de Canácona: dividindo-se em porções, cada huma das quaes se entregue a determinadas aldêas da mesma provincia de Canácona, e das de Zambaulim, e do Salsete, para as conservarem como as mais interessadas em se fecharem aquellas portas ás hostilidades do sobredito regulo confinante». (*Instrucções*, parte 1.ª).

Nada se fez em cumprimento d'esta ordem.

Como publica memoria do bambual existe em Cuncolim, na casa da administração do condado, uma lapida com legenda, de que deu primeiro noticia F. N. Xavier (*Bosq. Hist. das communidades*, Parte 2.ª, pg. 31, e *Almanach Recreativo*, de José Antonio de Menezes, para 1868, pg. 147),— legenda que, segundo a exacta copia com que nos favoreceu, em 30 de maio do corrente anno, o senhor Pedro Caetano do Rosario Lourenço, residente n'aquella aldêa, é a seguinte:

D. Luis da Menezes V. Conde da Ericera
Viceroy e cappitão geral da India
Mandou plantar o bambual
Que defende toda a frontaira
E edificar esta porta e quartel
Devendoso o acerto de toda a obra
Ao general D. Antonio Caseo e Mello
E as aldeas a despesa della.

Anno do M.DCC.X.X.

que as solicitam, eu me vesti pela manhã com o meu vagar, para me não desconcertar com a pressa; e, embora em taes occasiões outros se vistam de gala e usem joias de oiro, comtudo enverguei apenas o meu fato de sêda preto, em signal do lucto de minha mulher.

«Antes de acabar de jantar e estando á mesa, fomos prevenidos a fim de ir já para a audiencia, pois Vitola Sinay e outros grandes personagens tinham vindo acompanhar-nos á côrte. O embaixador, que não estava prompto e ficou surprehendido, pediu lhes que esperassem, pois estava ainda a comer. Findo o jantar, recolheu-se com outros para se vestirem, em grande confusão, a qual foi ainda maior para se sellarem os cavallos, para se prepararem os presentes a levar, e quanto a tudo o mais; pois nada estava prompto, e o embaixador e os da sua comitiva estavam perturbados e em confusão, pedindo isto, chamando por aquelle; o que me não pareceu proprio d'um homem de côrte. Os que tinham vindo buscar-nos, ficaram algum tempo fóra e depois foram chamados para o vestibulo, onde se recebem as visitas, e não viram o embaixador, nem qualquer da sua comitiva, que estavam, como disse, a preparar-se em confusão, que foi notada por uma parte d'àquellas pessoas.

«Porfim o embaixador, já vestido, veiu para fóra com os mais, e recebeu Vitola Sinay e um outro grande personagem que o rei mandára para o acompanhar; era um mouro pela religião, mas de raça indiana, escuro; fôra capitão geral de Banguel; chamava-se Mussa Bay. Este trazia comsigo seu filho, da mesma côr, mas de rosto bello, muito bem vestido á moda indiana, isto é, nú de cintura acima, tendo apenas lançado aos hombros um panno consistente, de côres variegadas, e outro da mesma especie enrolado á cintura, com as extremidades pendentes; usava um pequeno bonnet, como os dos nossos tripulantes aduaneiros, mas de varias côres; nas mãos, braços, pescoço e nariz muitas joias de ouro, e á cinta um punhal dourado, reluzente. O pae estava de ponto em branco á moda indiana; sobre o seu fato branco tinha um casacão de velludo, adornado de ouro no fundo, solto e aberto na frente, como se usa unicamente nas solemnidades. Não trazia espada, mas um punhal do lado direito, com o cabo e ponta, se me não engano, de prata. Cobria-lhe a cabeça um barrete, todo de panno d'oiro, pois n'estes paizes, os

homens costumam usar semelhantes barretes, ou ainda turbantes brancos, pequenos e quasi quadrados.

«Vitola Sinay com alguns outros personagens, que vieram acompanhar o embaixador, estavam todos vestidos de sêdas mui finas, com casacos tambem de sêdas ricas, para honrar a occasião; e traziam sobretudo mantas coradas que na Persia se chamam *scial* (chailes) e se usam á cintura, mas os indios trazem-n'as sobre os hombros, côbertas de sêda branca, mui delgada, que deixa transparecer a côr interna, ou, ainda, feitas unicamente de sêda branca».

(*Continúa*)

J. A. ISMAEL GRACIAS.

MOINHOS DE AZEITE

NA CIDADE VELHA DE GOA

E' bem antiga, em Goa, a industria da extracção do azeite de coco e de gergelim por meio de moinhos, que funccionavam tanto na cidade velha de Goa, como em diversas povoações das aldeias.

Sendo, porém, possivel que alguns leitores d'esta Revista não saibam que os moinhos montados na cidade velha pagavam ao fisco uma contribuição pelo seu funccionamento, pareceu-nos conveniente registar aqui a historia da mesma contribuição.

Desde os remotos tempos da governação moura em Goa, era conhecida a renda dos moinhos de azeite existentes na aldeia de Ellá — séde da cidade velha — como uma das contribuições creadas pelos antigos dominantes das terras d'este paiz, com cuja conquista pelos portuguezes ficou aquella renda a estes pertencendo. A existencia desta renda, no dominio portuguez, data do 1512, anno em que começou a ser paga á fazenda nacional e continuou até 1869, anno anterior ao em que foi extincta, tendo tido por consequencia mais de tres seculos e meio de duração.

Em que consistia pois uma tal renda, que fez parte da receita publica do Estado durante aquelle largo periodo do tempo? Quem era que a pagava e quanto daria de receita á fazenda? Porque teria sido extincta?

Para responder a estas interrogações vamos examinar os documentos que tratam do assumpto e existem no archivo da repartição de fazenda.

*

* *

Sempre que carecemos de rebuscar noticias authenticas e coevas da epocha do estabelecimento das antigas rendas do Estado, a quem ficaram pertencendo como legado do governo anterior ao portuguez, temos de recorrer a uma fonte, que pela sua anciandade e cunho official ministram diversos e seguros esclarecimentos, precisamente aquelles que em balde se procurariam em outro logar. Esta fonte são os antigos *Tombos* das rendas do Estado, organisados por ordem do governo em 1554 e 1593. Vejamos pois o que elles dizem com respeito a renda de que estamos tratando.

Tombo de 1554. — *Renda dos moynhos de azeite, nos quaes se faz azeite de Jergelim e de quoquo, e ninguem pode fazer azeite nelle senão o Rendeiro ou a pessoa que com elle se concertar* .....

Tombo de 1595. — A mesma descripção com o accrescentamento de ser renda antiga que estava arrendada nos annos do 41 o 42 (1541 e 1542) por 60 pardaus ao anno o mais a seguinte declaração: = *E por faltar na cidade de Goa o trato da copra e do gergelim pela guerra do Malavor, e se não fazer por isso azeite, veio esta renda em tanta diminuição que não houve quem a arrendasse, e o governador Manoel de Souza Coutinho por este respeito a aforou a Gaspar Rodrigues em tres vidas para elle só fazer o dito azeite com 50 pardaos de foro por anno, de que elle é a primeira, e por sua morte nomeará a segunda, e a segunda a terceira, por carta feita a quatro de abril de* 81 (1581).

Polo que acabamos de transcrever do ambos aquelles Tombos, que são os mais antigos inventarios dos reditos do Estado, o dos quaes o 2.º é menos laconico do que o 1.º, ficamos concluindo e temos por certo:

1.º Que a renda dos moinhos do azeite ora bem antiga ou vinha de longa data, e que pelos annos de 1541 e 1542 estava arrendada por 60 pardaos por anno,

2.º Que pelos annos de 1580 e 1581, por faltar na cidade de Goa o commercio da copra e do gergelim o por isso não se fabricar azeite veio muito a diminuir a renda dos moinhos; o

3.º Que por esta razão não haveodo quem a quizesse tomar de arrendamento, foi, em abril de 1581, aforada, coio o foro de 50 pardaos por anno, em tres vidas.

Ahi está pois a succiota historia desta renda, no seculo XVI, a qual atravessou o seculo immediato sem alteração ou modificação alguma excepto na mudança de sua natureza,, desde 1581, anno em que, como se viu, passou a ser considerada como foro o ficou desde então sujeita as contingencias adstrictas ao modo do ser dos foros aldeanos.

*

* *

Vejamos agora o que occorreu, no seculo XVIII, com respeito a esta renda, que como foros passou a ser arrecadada para os cofres da fazenda publica até ao fim do anno de 1704, na quantia do 50 pardaos por anno.

Desde 1.º de janeiro do anno immediato, foi elevado o quantum de taes foros, pois que por assento da junta dos tres estados, de 4 de dezembro de 1704, tendo sido creadas algumas novas contribuições (*a*) em substituição dos *dizimos* prediaes, abolidos por outro assento da mesma junta, de 12 de outubro de 1704, todos os foros que a fazenda recebia das communidades aldeanas e dos particulares, tiveram por essa occasião o augmento de mais metade do canon contribuendo. E assim o foro dos moinhos de azeite, que era de 50 pardaos, ficou elevado a 75 xerafins, quantia esta que começou a ser paga desde janeiro de 1705 em diante.

(*a*) Em nota final diremos quaes eram estas novas contribuições.

Procurando investigar a quem é que cabia a obrigação de effectuar tal pagamento, se era algum foreiro particular ou se á respectiva communidade, deixa-se ver do livro da conta corrente dos foros do concelho das Ilhas, relativo ao anno de 1772, que a cobrança do dito foro de 75 pardaos, talvez depois de extinctas as vidas do respectivo afforamento, fôra commettida á communidade da aldeia de Ellá do concelho das Ilhas, como se praticou a respeito de muitas das rendas do Estado, cujos exactores eram as corporações aldeanas por saccadores.

*

* *

Proseguindo no estudo do assumpto que nos occupa, temos em frente o seculo XIX. Mas já ha mais do um seculo atraz estava extincta a industria do fabrico do azeite, nem havia moinhos, na aldeia Ellá, séde da cidade velha de Goa; e não obstante a communidade daquella aldeia continuava, e continuou até 1869, a pagar á fazenda publica o fôro dos 75 pardaos por anno.

Ora extincta a industria tributada, extincto devia ser o tributo que a onerava, visto como não ha nem deve haver imposto sem materia collectavel, e por consequencia não podia nem devia subsistir o onus, denominado imposto dos azeiteiros, que indevidamente pezava sobre aquella communidade.

Assim o entenden o gancar saccador da aldeia de Ellá, do anno de 1869; e por isso requereu ao governo do Estado pedindo a isenção do imposto de 75 xerafins que a communidade pagava a titulo de contribuição lançada sobre os azeiteiros da aldeia de Ellá, allegando como fundamento attendivel a circumstancia de já não existirem na aldeia os individuos de quem se arrecadava o mesmo imposto.

Pelo governo do Estado foi sobre a pretensão ouvida a administração do concelho das Ilhas que então superintendia nos negocios das communidades, a qual informou declarando que dos livros da respectiva communidade não constava quem e quando se impoz aquelle tributo, se foi o governo do Estado ou o antigo senado, mas que era certo existir o imposto desde longo tempo e ter a mesma communidade pago effectiva e ininterruptamente até ao anno de 1869.

Foi depois ouvida a procuradoria da corôa e fazenda que pelos motivos expostos em o seu parecer datado de 31 de janeiro de 1870, opinou que uma vez que se achava extincta a industria tributada, extincto tambem devia ser o tributo que a onerava (a).

E finalmente veio a resolução do governo do Estado, que em portaria n.º 31 de 10 de fevereiro de 1870 declarou extincto o imposto de

(a) Vide «Questões da India» — Pareceres do procurador da corôa e fazenda, dr. Manoel Carvalho — pag. 349.

75 xerafins que pesava sobre a communidade do Ellá sendo esta portaria approvada por decreto de 11 de outubro de 1870.

*

* *

Ficou por este modo, desde 1870, abolido o cessado o imposto e a communidade do Ellá isenta de entrar no thesouro publico com a importancia correspondente.

E assim termina aqui a historia da renda dos moinhos de azeite na cidade velha de Goa, renda que apesar de ter a natureza de foros, foi denominada e era tida como imposto ou contribuição sobre os azeitoiros.

Esta renda, seja como foros, seja como imposto, teve uma existencia de mais de tres seculos e meio, parecendo ter tido vida recondita entre as ruinas da cidade velha, onde nascera, e apezar do extincta a industria que a motivara. Era privativa da aldoia de Ellá, no concelho das Ilhas de Goa, sem ter congenere em aldeia alguma dos outros dois concelhos onde aliás existiam moinhos de azeite.

Nota final. — As novas contribuições creadas pelo assento da junta dos tres estados, de 4 de dezembro de 1704, foram = *Meios foros* — *Meias sizas* — *Renda de coco e areca* — e *Imposto de xendim* = Acerca d'este imposto, o sr. Ernesto Fernandes publicou no n.º 2 d'esta Revista uma curiosa noticia historica, sob o titulo de *Pensão de Xendi*, que pode ser completada com a explanação do assumpto dos seguintes documentos:

— Assento da junta dos tres estados, de 4 de dezembro do 1704, creando o imposto de xendim.

— Alvará do vice-rei Caetano de Mello e Castro, de 10 de julho de 1705, mandando por em execução o imposto.

— Provisão do conselho ultramarino, de 31 do março de 1707, confirmando a creação do imposto. Todos estes tres diplomas estão publicados nos Boletins do governo n.ºs 64 a 67 de 1876.

— Assento do conselho da fazenda, de 29 de julho do 1706, resolvendo que fossem collectados os gentios em 7 mil xerafins por anno. Está publicado no Boletim do governo n.º 83 de 1876.

— Portaria provincial, de 22 de dezembro do 1840, abolindo o imposto do xendim, que ficou extincto desde 1 de janeiro de 1841.

A extincção do imposto devia de ter causado grande regosijo aos gentios, que, obrigados por seus usos e costumes podiam já usar livremente da madeixa de cabellos no alto da cabeça, sem terem de pagar nenhum imposto *cabelludo*.

J. M. do Carmo Nazareth

CASA DE CATECHUMENOS EM GOA

Depois do estabelecimento do dominio portuguez na India, não podia deixar de se instituir, desde logo, uma casa para a catechese, ensino e educação dos neophitos, pois que os portuguezes tiveram em vista não só a supremacia temporal do Oriente, mas tambem a conquista espiritual dos seus povos, tendo derribado para esse fim os pagodes erigidos pelos idolatras em todo o paiz (1), os quaes foram substituidos por muitos e sumptuosos templos catholicos.

Não se pode precisamente fixar a data da fundação deste benemerito instituto, mas é de suppor que tivesse sido pouco tempo depois da tomada de Goa. Os mais antigos diplomas regios, que se conhecem concedendo differentes privilegios, isenções e subsidios, têm as datas de 23, 24 e 25 de março de 1559 e os posteriores de 25 de janeiro e 23 de fevereiro de 1575, 26 de março de 1584, 21 de fevereiro de 1561, 23 de fevereiro e 3 de março de 1583, 1 de

(1) Pe. Leonardo Paes no seu = Promptuario das Difinições lodicas= diz, fallando dos pagodes: São olles tantos que só em Cancaso ou Caxy, que é como sua Roma, existem muitos pagodes que os gentios de todo o Oriente mandaram fabricar tanto maiores quanto quem manda fazer é mais devoto, rico e poderoso, porém por mais sumptuosos que sejam, são casas lobregas e escuras que bem demostram serem habitações do demonio, principio de trevas. de sorte que em toda a India mais são pagodes do que as cidades e aldeias.

março de 1597, 19 de agosto de 1612, 21 de março de 1762, 15 de março de 1714, 5 de abril de 1754, 30 de março de 1757, 10 de março de 1764, 6 de junho de 1765, 25 de junho de 1766 e 2 e 5 de abril de 1768.

*

* *

O primitivo deposito dos catechumenos foi no antigo collegio de S. Paulo, na cidade de Goa, em virtude das citadas ordens regias de 23 de março de 1559 e 3 de abril de 1582; mas, no seculo XVIII, por se tornar insalubre o seu sitio, o Pae dos christãos, padre João Baptista, usando da autorisação concedida pela de 9 de abril de 1714, comprou, em 1722, por 1850 xerafins em prata (1) — importancia do fundo dos catechumenos — uma casa nas proximidades do referido collegio, a qual começou a funccionar nesse mesmo anno, e que, em 1753, foi pasto d'um pavoroso incendio, perdendo-se, entre outras cousas, muitos documentos importantes. Em 1762 foi transferido o recolhimento para Betim, n'uma casa situada na margem direita do Mandovy, no palmar «Betim grande».

Diz Francisco Pyrard, na sua *Viagem* que, quando elle esteve em Goa (1608 a 1611), havia uma casa dos jesuitas junto a egreja do Bom Jesus *que se chamava dos catechumenos para catechisar e ensinar os novos christãos, que eram nella sustentados e vestidos e baptisados, dos quaes e de toda casa tinha cargo o Pae dos christãos*, que residia na casa professa do Bom Jesus e era obrigado a ir todos os dias ás prisões para visitar os christãos e outros que quizessem converter-se á fé catholica, solicitar seu livra-

(1) O xerafim em prata equivalia a meia rupia da moeda hoje corrente.

mento e assistir-lhes com esmolas, como fez com o proprio viajante francez. E accrescenta:

«N'um dia de festa da conversão de S. Paulo vi sahir deste logar (casa de catechumenos) quasi mil quinhentas pessoas naturaes da terra, assim homens como mulheres e creanças, vestidos a modo dos christãos em procissão pelas ruas da cidade em 2 alas, levando cada um seu ramo na mão para se differençarem dos outros e em signal de não serem ainda baptisados; e dali foram a precedente egreja e collegio de S. Paulo, onde foram baptisados. Antes do baptismo vi um padre jesuita fazer-lhes um bom sermão sobre a excellencia da religião christã e lhes disse que a não deviam abraçar por força e que se alguem delles ahi havia que viesse contra a sua vontade, se poderia ir embora e sahir logo da egreja, ao que todos responderam a uma voz que eram muito contentes e queriam morrer na fé catholica. Depois de baptisados, cada um se recolheu a sua casa e aos que eram pobres, aquelle padre jesuita deu esmola do dinheiro e vestidos, o que se repete em todos os annos com semelhante pompa e solemnidade, afora os que se baptisam diariamente em particular. Vi tambem muitas vezes baptisar grande numero de pessoas na egreja dos franciscanos no dia seguinte a festa do natal e chegar o numero a 800 pessoas».

*

* *

Eram muitos os bens que possuia a casa, todos comprados á custa de esmolas e doações feitas pelos portuguezes, fidalgos e ricos, que apadrinhavam os neophitos, bem como pelos novos convertidos que fossem abastados. Aos jesuitas incubia a administração do respectivo fundo e d'aquelles bens, os quaes foram mandados tombar pela junta da fazenda em 14 de dezembro de 1814.

Expulsos os jesuitas, foram os mesmos bens encorporados nos proprios da fazenda publica. As suas rendas em 1827, eram de 1814 xerafins proximamente, além dos redditos de 81 tangas brancas e 3 barganins da communidade de Palle de Salsete e das rendas do palmar = Betim grande = com seu oiteiro e annexos, situado em Pilerne de Bardez, palmar que era o predio mais importante da casa. Este predio pertenceu antigamente a misssão de Maduré do Malabar e foi comprado em 23 de setembro de 1762, por 40 mil xerafins, sendo 20 mil xerafins do fundo dos catechumenos e outros 20 mil da fazenda publica.

Desde 1767 até 1792, as sobras dos rendimentos de todos aquelles predios chegaram a montar em xerafins 74.523:02:48 3/4, quantia que foi depositada na fazenda publica, por causa da segurança, visto como então a provincia de Bardez era sugeita a constantes depredações e roubos do gentio visinho.

*

* *

Depois que a fazenda publica tomou posse dos bens da casa, começou fazer o abono de 2:08:00 a cada um dos neophitos, que o arrecadavam trimensalmente, para sua sustentação. Em 1866, a antiga junta da fazenda mandou suspender provisoriamente aquelle subsidio, tendo, porém, ordenado a sua continuação em 1869; e em 1870 resolveu não fazer novas concessões.

Este subsidio era vitalicio e os herdeiros dos neophitos fallecidos, a quem estivesse em divida, tinham, quando quizessem arrecadal-o, de se habilitar nos termos das resoluções da mesma junta de 27 de dezembro de 1856 e 13 de março de 1869 (1).

(1) Bol. n.° 41/1856 e n.° 31/1869.

Ultimamente o abono de subsidio se regulava pelas *Instrucções* constantes da circular da Secretaria geral de 1 de junho de 1876 (1) e da junta da fazenda de 14 de setembro do mesmo anno (2); tendo cessado desde o anno economico de 1883–1384, por não ter vindo a respectiva verba no orçamento do Estado do referido anno, approvado por decreto de 24 de novembro de 1883 e nos subsequentes.

A mesma verba no orçamento do anno anterior de 1882–1883, approvado por decreto de 28 de dezembro de 1882, era de 4725 rupias, sendo 4590 para os neophitos de Goa e 135 para os de Damão; tendo sido eliminada desde o orçamento de 1870–1871, approvado por decreto de 30 de junho de 1870, a verba de 32 rupias, relativa aos neophitos de Diu.

A mesma fazenda contribuia, além disto, 1.333:01:40 xerafins aos trimestres para o vestuario dos catechumenos, em virtude do alvará do vice-rei Conde de Vidigueira de 20 de fevereiro de 1598, nos termos da citada carta regia de 1 de março de 1571, o qual mandava abonar 2.000 xerafins, sendo a restante importancia de 663:03:20 xerafins paga ao Hospicio do monte de Guirim, que foi tambem antigamente casa de catechumenos dos franciscanos (3).

*
* *

Alguns paes dos christãos, cujos nomes apuramos, compulsando varios documentos ineditos, foram Matheus de Souza antes de 1641, Jorge Gouvêa em 1641, João Morato em 1694, João Baptista em 1722, Manoel Goevara antes de 1743, Fr. Manoel de

(1) Bol. n.° 102/1876.

(2) Bol. n.° 72/1876.

(3) Vide acerca desta casa o artigo = Collegio ou hospicio do monte de Guirim = do pe. G. Saldanha, publicado no n.° 3 desta *Revista*.

S. Thomaz em 1778, Francisco Xavier Cabral em 1785, Fr. Constantino de St.ª Ritta desde 1827 até 14 de dezembro de 1837, em que foi nomeado Fr. Joaquim de St.ª Ritta Botelho, mais tarde bispo eleito de Cochim, de quem logo fallaremos.

*
* *

Tendo sido extincta no reino a casa de catechumenos por decreto de 26 de fevereiro de 1834, foi tambem extincta esta casa pela seguinte portaria provincial:

«N.º 1536. O Conde das Antas, governador geral do Estado da India determina o seguinte: Em analogia com o que se acha disposto no decreto de 26 de fevereiro de 1834, que extinguiu no reino a casa de catechumenos; conformando-me com o que a este respeito propoz a commissão de revisão do orçamento d'este Estado (1) por se darem na casa de catechumenos deste Estado as mesmas circunstancias que fundamentaram aquella extincção, accrescendo até que o numero delles se acha tão reduzido que não passa de um: Hei por conveniente dar por extincta e abolida a referida casa, com todos os seus empregados, encorporando-se nos proprios da coroa, o rendimento e producto de todos os seus bens moveis e de raiz; conservando-se o sachristão com os mesmos vencimentos que percebia em atten-

(1) O relatorio da commissão, que foi nomeada por portaria provincial n.º 1.165, de 30 de setembro de 1842, dizia o seguinte: «O decreto de 26 de fevereiro de 1834 extinguiu no reino a casa de catechumenos e como á deste Estado assistem as mesmas circumstancias e fundamentos que motivaram aquella extincção, parece que se deve aqui egualmente extinguir a chamada casa de catechumenos, passando os poucos que existem para algum dos seminarios ou recolhimentos conforme o sexo e vocação e encorporando-se aos proprios da coroa o rendimento e producto de todos seus bens moveis e de raiz»—Bol. n.º $^{31}/_{1842}$

ção a contar 19 annos de serviço, o qual ficará provisoriamente encarregado da capella, de que nas repartições competentes se farão as declarações e registos necessarios. As autoridades, a quem o conhecimento desta pertencer assim o tenham entendido e executem. Palacio do governo geral em Pangim, 30 de novembro de 1842. *Conde das Antas* (1).

E pela seguinte portaria regia, se deram providencias para sustentação e recolhimento dos neophitos:

«N.º 1.524. Representando o revd. Arcebispo a necessidade de se providenciar ao sustento e agasalho dos novos convertidos que ficaram em perfeito desemparo depois da extincção da casa de catechumenos de Goa: Manda a Rainha pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar que o governador geral do Estado da India, de accordo com o dito revd. Arcebispo arranje este negocio pelo modo possivel e que menos despendioso seja a fazenda publica, aproveitando-se o seminario para recolhimento dos catechumenos de sexo masculino e para o sexo feminino o recolhimento da casa de Misericordia que se chama de Santa Maria Magdalena ou dos convertidos, orçando-se a despeza que com isto se faça para ser approvada por S. M. Paço de Belém, 31 de março de 1845. = *Joaquim José Falcão* (2).»

*
* *

Depois da extincção, esteve a casa de Betim por muitos annos em pé. Ali residiu, por longos annos, o Bispo eleito de Cochim D. Fr. Joaquim de Santa Ritta Botelho, que, desde 9 de maio de 1851 até 8 de fevereiro de 1859, em que faleceu, foi governador e vigario capitular do arcebispado. Depois começou a

(1) Citado Bol. n.º 51/1112.
(2) Bol. n.º 29/1113.

ruina aos poucos e o edificio servia de deposito de carvão das lanchas á vapor, que navegam nos rios de Goa.

Em 1900 foi comprado á fazenda por Purxotoma Sinay Neurencar. que ha quasi um anno, o vendeu á companhia Shepherd, que o destinou tambem para deposito de carvão. Os outros bens foram vendidos logo depois da extincção da casa.

Tinha a casa uma bonita capella, cujo orago era N. S. da Victoria. Para a sua festa contribuia a fazenda publica a importancia de 160 xerafins, posteriormente reduzida a 50 xerafins. A cruz de pedra preta, que encimava o frontispicio dessa capella, foi cedida pelo governo local, em fevereiro ultimo, á egreja dos Reis-Magos.

Vivem ainda alguns neophitos, que recebiam o subsidio da fazenda e que, pela maior parte, são criados de servir.

Viriato A. C. B. de Albuquerque.

INSCRIPÇÕES E EPITAPHIOS NAS IGREJAS DE BOMBAIM

TRASLADADOS DOS PROPRIOS

Bombaim é terra onde a influencia da dominação portugueza ainda se sente vivaz em quasi todas as classes sociaes. A acção do tempo, alliada á mudança de soberania, mal tem podido não só apagal-a, nem mesmo perder-lhe a veneração e o respeito em que sempre andou envolvida. E' que a religião que acompanha o homem em todas as suas phases de vida, e que se transmitte de geração á geração, cria intimas ligações, estreitos élos de affecto ao povo que primeiro a implantou.

Varreu-se, ao sopro violento do infortunio, quasi todo o imperio portuguez do Oriente, e ahi onde d'antes tremulava glorioso o pendão das quinas, fluctúa agora soberbo o pavilhão dos povos que succederam a Portugal no dominio dos mares e terras da Asia. Já se não ouve o estridor das armas d'um Nuno da Cunha ou d'um Heitor da Silveira, que concorreram tanto para enaltecer com brilhantes feitos em Bom-

baim o nome da Patria e do Rei, que tinham por timbre exaltar mesmo com o sacrificio pessoal. O echo das façanhas de todos os heroes do Oriente perdeu-se nas cryptas da historia, as palmas da gloria conquistadas no campo de batalha feneceram pelo curso roaz do tempo, e todo esse brilbante periodo em que pela espada se procurava alargar as raias do imperio, parece já uma lenda, uma fabula.

Restam, porém, ainda indeleveis os vestigios dos missionarios portuguezes, soldados de Christo, que dilataram os dominios da Fé com não menos zêlo e ardor do que os viso-reis e capitães-generaes expandiram os da conquista e navegação. Se não ha hoje feitorias e arsenaes, não faltam por ahi fóra igrejas e cathedraes a proclamarem bem alto que as terras onde estão situadas, foram um dia portuguezas e apostolisadas por missionarios portuguezes ou mandados de Portugal. É um facto suggestivo este que, em quanto se desmoronou rapidamente todo o poderoso imperio que a espada fundou, subsiste ainda o que deve o seu levantamento á palavra insinuante e persuasiva dos primeiros evangelisadores.

E' o que bem claramente se vê em todos os portos da Africa Oriental, maximé em Lamu, Zanzibar e Mombaça, onde, ao lado dos monumentos da Fé, ainda existe, como para attestar o pristino valor dos heroes portuguezes, uma grande fortaleza construida em 1535 pelo capitão Seixas Cabral e que agora foi aproveitada pelo governo inglez para cadeia. E é isso que me impressionou sempre durante os annos da minha permanencia em Bombaim,— n'essa *urbs prima in Indis*, a celebre *ilha da boa vida* de Heitor da Silveira e seus companheiros, com as bellezas da qual bordou talvez Camões a brilhante allegoria da *ilha dos amores*, quando ahi esteve hopedado com o celebre dr. Garcia da Orta, ao tempo foreiro d'aquella ilha, — *terra*

e ilha de que el-rei nosso senhor fez mercê, aforada em fatiota.

Accentua-se devéras a influencia do dominio portuguez n'aquella cidade. Nas instituições, nos usos e costumes, na religião e na lingua,— é isso que se salienta a olhos vistos. Familias antigas, que se acolhem á sombra da protecção do governo inglez, vivendo n'um meio todo inglez, não têm ainda largado o habito de fallar o portuguez em suas casas; fazem n'isso timbre, é para ellas um brazão de nobreza, uma recordação saudosa dos tempos em que os seus antepassados deveram aos portuguezes a sua civilisação e a sua conversão ao catholicismo. Até nas classes inferiores, nos proletarios e serviçaes, se vê bem patente essa influencia, e seria devéras curioso um estudo philologico dos vocabulos portuguezes que ainda se ouvem nos idiomas maratha, hindustane e guzerathe e que a cada passo revelam ao *touriste* investigador, que a soberania de Portugal n'essas terras deixou vestigios que seculos não têm podido obliterar.

E', porém, sobretudo nas igrejas — quer pertencentes ao Real Padroado, quer á Propaganda — que mais se vê o poder d'aquella influencia. Em cada uma d'ellas existem muitas lapides com inscripções em grande parte portuguezas e algumas inglezas, mas todas de pessoas de ascendencia portugueza e que, mais ou menos, nos devem interessar por ser pelo estudo da epigraphia que melhor se reconstitue hoje a historia dos povos que passaram.

Cumpre notar que, emquanto cá em Goa se vê uma culposa indifferença pelos mortos queridos, lembrando-se só poucos de lhes levantar monumentos ou sarcophagos, ardendo, pelo contrario, cada qual em auto-latria, é intenso, fervoroso lá fóra o culto por elles. Ainda os mais pobres e destituidos de

meios encerram os restos dos seus queridos em urna apropriada, pondo sobre a lapide de marmore — mesmo pequena — uma legenda em portuguez ou inglez. Observei isso n'algumas igrejas de Baçaim, muitas das quaes têm o seu pavimento carregado de semelhantes lapides com epitaphios portuguezes, mas de pessoas na maioria sem valor social, ou nome na historia local. Pertenceram á grande massa anonyma, mas tiveram na familia quem lhes quizesse perpetuar a memoria sobre o frio marmore.

Entre as igrejas que dão melhor contingente á epigraphia e, por conseguinte, á historia politico-social de Bombaim, vem em primeiro plano as que existem em Mazagão, nucleo da antiga *élite* portugueza d'aquella cidade, e que em 1548 D. João de Castro déra em arrendamento a Antonio Pessoa pelo fôro annual de 195 pardáos em ouro e 3 tangas em prata, como testemunho de apreço pelos seus distinctos serviços ao Estado, apezar da insistente opposição do védor da fazenda Simão Botelho, que até se queixou a El-rei de se perder assim para a fazenda um rendimento de 2.500 pardáos em ouro, que é o que produzia aquella aldeia.

A igreja de N. S. da Gloria, hoje a segunda cathedral da diocese de Damão, e que a principio era uma pequena capella dos Franciscanos, tendo sido transformada em igreja no seculo 17.° por um Ruy de Sousa, renovada em junho de 1810, benzida em outubro de 1811 pelo padre visitador, revd.° João de Sousa e Silva, e sagrada pelo arcebispo Torres em 15 de fevereiro de 1844, tem muitas lapides, quasi todas com inscripções portuguezas, mas que se vão obliterando, tendo-as eu copiado em 1892, por se me afigurarem de tal ou qual importancia.

Eil-as:

I

(No cruzeiro, no meio)

Aqui jaz
Rosario de Quadros (1)
Por quem foi reedificada esta igr
Com muitos discomodos
E enriquecida de donativos
E lhe fez muitos serviços uteis
Falecido a 27 de novembro de 1821
Cova Perpetua que se lhe deo
Em memoria

II

(Do lado do Evangelho)

Consagrada
A memoria de
D. Ritta Thereza de Quadros
esposa de
Miguel Rosario de Quadros (2)
E filha de
José Maria de Sá
Fallecida em 19 de março de 1864
Da idade de 30 annos e 12 dias

P. N. e A. M.

(1) E' avô paterno do sr. commendador Miguel Rosario de Quadros. — uma capacidade financeira que, por alguns annos, occupou com brilho o logar de director do Banco Commercial de Bombaim e de consul portuguez. Rosario de Quadros foi natural e gancar da aldeia de Loutulim, d'onde tambem sou natural e gancar.

(2) E' o mesmo a quem me referi na nota anterior.

III

A' memoria
De
Antonio Feliciano Marques Pereira
Consul geral de Portugal
Na India Ingleza
Nascido em Lisboa a 1 de junho de 1839
E fallecido em Bombaim a 11 de setembro de 1881

Como prova de saudosa recordação
mandou a sua familia collocar esta lousa

(Continúa)

J. B. Amancio Gracias.

GALERIA LAPIDAR NO MUSEU REAL DA INDIA PORTUGUEZA

(Continuação do numero antecedente)

N.º 27

Governando este Esta
Do da 2.ª vez o conde Al
Mirante D. Fr.co da Ga
Ma reformou esta Ca
Za de Catoalia e Ja
Neiro de 1628 sendo
Catoal Ant.º Vaz~

Nota — Pedra solta medindo 0,50 de larg. e 0,75 de cumpr. Antes de vir para o Museu esteve por muito tempo depositada na cerca do Arsenal de Goa, aonde fôra parar depois de estar em ruinas a casa de *Catualia*. Sobre a significação da palavra *Catualia*, a *Descripção geral e historica das moedas*... por A. C. Teixeira de Aragão diz o seguinte, copiando a inscripção, pag. 207 do vol. 3.º.

= Catualia, termo asiatico, especie de portagem onde se cobravam os direitos dos generos que entravam na cidade (de Goa) pelos chamados *passos* (barreiras). A instituição ja existia quando Goa foi conquistada pelos portuguezes, que a conservaram, havendo como empregados o catual e o seu escrivão que repartiam entre si as *lagimas* (emolumentos) e o producto dos *chitos* (certificados dos despachos), e o tributo propriamente dito era arrecadado pelo rendeiro que devia estar presente. Tendo-se perdido o primeiro regimento da casa da catualia, que era escripto n'uma taboa, o vedor da fazenda Antonio dos Santos Gamboa deu-lhe outro em 17 de julho de 1572, attendendo ás queixas de abusos que ali se praticavam.

N.º 28

Caes
Comecado e con
cluido governan
do a India o Tenen
te General Viscon
de de Torres No
vas.

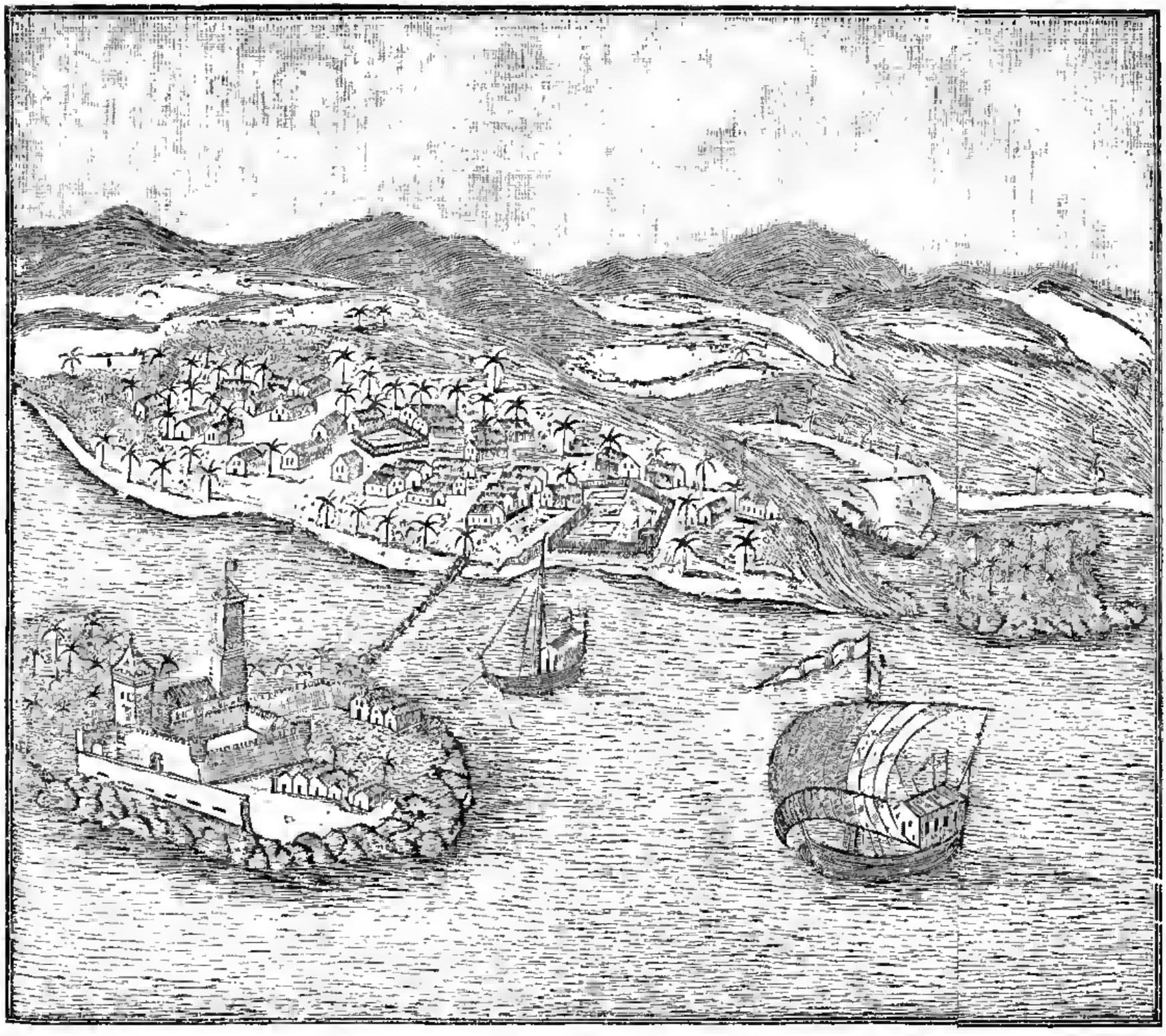
1861

Nota – Pedra solta. Esteve n'uma das columnas lateraes á entrada do caes construido em Ribandar en 1861. Outra columna tinha igual inscripção em maratha.

(Continúa)

J. M. do Carmo Nazareth.

Fig. 7



CANANOR

Livros recebidos

Muito se agradecem as seguintes publicações recebidas:

Proprietarios e mundcares, legislação compilada por Carlos Eugenio João Filippe Ferreira — Bastorá — Typ. Rangel — 1904.

Orientaes — por Antonio do Nascimento Mendonça — idem — idem — idem.

O ORIENTE PORTUGUEZ

REVISTA DE ARCHEOLOGIA

Fundada em 1904

Esta Revista é orgão da *Commissão permanente de archeologia da India Portugueza*. Publica-se em numeros de 24 paginas ou mais. Doze numeros formarão um volume, com o seu frontispicio, indices e capa especial.

Preço de cada numero avulso.....	0:05:06
Preco de cada numero por assignatura.	0:04:06

ASSIGNATURAS

Envia-se cada numero pelo correio aos assignantes acrescendo a importancia dos sêllos.

AVISO

Solicita-se de todos os nossos assignantes e leitores d'esta revista, a fineza de nos proporcionarem a leitura, analyse, e reproducção de quaesquer obras litterarias, manuscriptos, etc., plantas, quadros, aguarellas, photographias, desenhos, etc., de valor archeologico, sua propriedade ou que possam obter por emprestimo, os quaes serão cuidadosamente respeitados e restituidos. Aos referidos assignantes e leitores, que se dignarem satisfazer a este appello, serão manifestados os merecidos agradecimentos nos numeros d'esta revista.

De todas as publicações litterarias e scientificas, de que a commissão de redacção receber um exemplar, far-se-ha menção na Revista.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondencia litteraria, bem como os originaes destinados á publicação n'esta Revista, serão dirigidos a qualquer vogal da commissão de redacção, ou ao secretario da commissão permanente de archeologia, José Maria do Carmo Nazareth — Nova Goa; — sobre assumptos de administração, dirigir-se-ha a correspondencia á *Imprensa Nacional*.